

PREÂMBULO

A ERA DA DISRUPÇÃO

Vivemos a era da disrupção, em que ideias ou fatos alteram radicalmente o funcionamento do mercado, da vida social. A inovação tecnológica vem impactando substancialmente o dia-a-dia das pessoas, das empresas e povos, forçando a uma interação nova, por vezes abrupta e surpreendente, com o ambiente. Inteligência artificial, criptomoedas, 5G, gadgets, carros autônomos, robótica, aplicativos são realidades intersecções tecnológicas que já abalam e revolucionam a vida de todos nós. A automação será uma realidade imediata, eliminando distâncias e barreiras físicas. Empresas, por mais modestas, se comunicarão e se conectarão com milhões de consumidores; financiamentos serão coletivos, imediatos, podendo-se conseguir capital em qualquer lugar, a qualquer hora.

Segundo autores como Jay Samit, a disrupção vai acelerar o desemprego mundial. Um verdadeiro torpedo ou tsunami no cotidiano social. Afirma ele em seu livro "Disrupt you": "Metade de todos os empregos vai desaparecer. Trabalhos em manufaturas serão feitos por robôs. Os contadores virarão softwares de inteligência artificial. Os caixas serão máquinas. Tudo o que pode ser automatizado vai sumir. Entre os trabalhos que existem hoje, qualquer um que seja programável ou repetitivo, vai desaparecer" Segundo ainda Samit, é preciso que o empreendedor deixe de lado o discurso de "coitadinho" e tenha uma mentalidade de crescimento, de modernidade, de maturidade plena.

As pessoas, nesse novo e instigante cenário, terão que se reprogramar, se qualificar, prontas para empreender, o que exigirá, sobretudo, insight e perseverança. Setores como agricultura, energia e manufatura sofrerão mudanças de forma ainda mais impactante. Inovação não depende de políticas governamentais e, por vezes, até o mercado está contra – daí o empreendedor necessitar ter a habilidade de convencimento, de perseguir sonhos e mesmo de falhar – algo que faz parte do processo – e principalmente aprender tudo o que puder, todos os dias, a todo instante...

Barão de Cocais: 150 anos de briga por herança

José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, o Barão de Cocais, faleceu em 1869. Se engana, porém, quem pensa que seu nome ficou restrito à História. Desde a morte do mineiro, uma suposta herança bilionária está no centro das disputas entre seus herdeiros. Tudo depositado em bancos ingleses.

página 04

'Santa' Manoelina

"Na década de 1930, milhares de pessoas, vindas das mais variadas partes do Brasil e até do exterior, demandavam a localidade de Coqueiros, no município de Entre-Rios de Minas, em busca de um milagre. Na verdade, em busca de Manoelina Maria de Jesus, moça simples, pobre, analfabeta, campesina, honesta, virtuosa, católica fervorosa, que vivia com um terço à mão, entoando benditos e que se alimentava à base de vinho e água".

Pág. 06

Resende Costa

O nome da cidade já diz tudo: ali, na comunidade já conhecida como Arraial da Lage, há fortes raízes da Inconfidência Mineira. "Dois participantes, o Capitão José de Resende Costa e seu filho de mesmo nome, são considerados o elo entre a Lage e o passado mineiro. Curioso apontar que a numerosa família Resende descende do casal João de Resende Costa e Helena Maria, uma das "Três Ilhoas" que na década de 30 do século XVIII se estabeleceu na Fazenda do Engenho Velho dos Cataguás, em Lagoa Dourada", conta Ana Paula Mendonça de Resende.



Pág. 08

ADIVINHAS

- 1- Por que é que o elefante não pega fogo?
- 2- O que é que a galinha foi fazer na igreja?
- 3- Reorganize as letras na expressão, "a mula parva" para formar uma palavra. O que surge?
- 4- Qual o cúmulo da eletricidade?

1- Porque ele já é cinza. 2- Assistir a missa do Galo. 3- Uma palavra. 4- Tomar um choque com a conta de luz.

Provérbios e Adágios

- Antes invejado que lastimado
- Mal de muitos, consolo é
- Não se corta carne com faca de pau
- Raposa velha não esquece as manhas
- Para quem têm, os tostões vêm
- Deus fecha uma porta e abre outra
- Vão-se os anéis, ficam os dedos



Para refletir

Pensamentos de William Shakespeare

- A suspeita sempre persegue a consciência culpada; O ladrão vê em cada sombra um policial.
- Uma pessoa rica não é a que tem mais, mas a que precisa menos.
- A raiva é um veneno que bebemos esperando que os outros morram.

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa

Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist.

Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO

APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

AO PÉ DA FOGUEIRA A VISÃO

A mãe falecera subitamente, vítima de acidente, deixando-o e aos demais irmãos – todos crianças – na mais dura orfandade. Teria ele, então, seus dois anos. Continuariam vivendo com o pai na fazenda, um homem rígido, severo, por vezes impaciente. Já pelos seus 5 anos vira-se o menino no trabalho estafante, lides com a casa, o curral, mesmo o gado e lavouros. Não tinham espaço de tempo algum para brincar, receber um carinho, cuidados mais precisos com a higiene, o vestuário, agora precários ou mesmo inexistentes com a ausência em definitivo da mãe. Dali a algum tempo, o pai consorcia-se novamente e a condição afetiva das crianças, ante a madrasta despótica, piorara sensivelmente!

Certo dia, vai ajudar o pai em serviços de campeio – apartar e trazer reses de uma pastagem distanciada da sede (uma gleba que seu pai alugara de um fazendeiro vizinho). Nunca fizera antes percurso tão longo, ainda que no dorso de um cavalo, atravessando propriedades para ele, até então, desconhecidas, trilhas que se descortinavam, contornavam riachos, escalavam encostas, abruptas ravinas.

Localizado o rebanho numa grota, na tentativa de se agrupar as reses que seriam levadas para a fazenda, alguns animais se extraviaram, lançando-se estes, desabaladamente, coxilha acima. O pai, agitado, imperitante, mesmo impensadamente, manda-o ao encaço do gado fugidio. Para tanto, teria que contornar uma densa e indevassável capoeira, o que permitira às reses se adiantarem, perdendo-as de vista. A custo, atingindo o topo do outeiro, abeira-se de um desfiladeiro, que se desdobrava em várias trilhas, ali pervagando por tempos e às tontas.. Desnortado, dá-se conta de que perdera o gado e sequer saberia como voltar. Entra em pânico.

Nisso, de uma das trilhas surge, imprevisadamente, uma senhora, roupas de camponesa, aparência angelical, que ele julga ser alguma moradora das redondezas – e para ele alguém tão familiar - que lhe diz:

- Meu filho, o gado que você procura desceu a grota (apontando ela a direção correta). Basta você acompanhar as reses, que, adiante, você encontrará seu pai... Reze sempre! Seja amigo e colaborador de seus irmãos! Tenha paciência e seja obediente para com sua madrasta!

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, a senhora desaparecera.

Em casa, contara, em segredo, o caso à irmã, esta já mais velha, com seus 8 a 9 anos, vítima, por sua vez, de abusos por parte da madrasta.. Confidencia à irmã: - Parece que eu a conheço... Esta mostra-lhe, então, algumas fotos do álbum de família. O menino não tem dúvida: - É esta senhora aqui quem me apareceu e me guiou.

- É a nossa mãe! esclarece, entre lágrimas, a irmã.

(Fato verídico, narrado pelo sr. G, pessoa de irrefutável idoneidade, hoje com seus 60 anos)



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



QUAIS LIÇÕES DE VIDA FICARÃO PÓS-PANDEMIA?



No decorrer dos meses em que estamos vivendo a pandemia do COVID-19 o vírus atingiu centenas de milhares de pessoas pelo mundo, deixando famílias desoladas. Numa exigência do momento todos tiveram que mudar hábitos e costumes da vida cotidiana. Diante dessa crise sanitária, veio também a crise econômica com um número grande de pessoas desempregadas, sem renda e nem trabalho; em situação de vulnerabilidade. A população com menor poder aquisitivo, ou nenhuma renda, está ainda mais empobrecida. Projetos sociais, de inclusão e atendimento às comunidades também, tiveram que parar todo o trabalho desenvolvido pelo perigo de contágio. Sequelas e marcas deixadas pelo coronavírus desde vítimas fatais, adoecimento mental e muitas perdas estão evidentes. Como será o futuro? O que esperar? Esses e tantos outros questionamentos, debates se tornarão palestras e futuramente livros, artigos falando sobre as experiências pessoais de quem sobreviveu e passou pelo novo coronavírus; depoimentos de quem cuidou de doentes de Covid; de pesquisadores e cientistas que ficaram estudando ininterruptamente, fazendo pesquisas, experimentos para encontrar a vacina. Muitas lições já estão sendo aprendidas, mas acredita-se que aparecerão muitos testemunhos, reflexões que levarão a uma revisão de conceitos, valores e prioridades da vida. Certamente haverá uma valorização maior da vida. Estão havendo muitas perdas... E ganhos, estão havendo também? Serão diminuídos os hábitos de consumo exagerado? Haverá mais compreensão nos relacionamentos? E a solidariedade continuará, mesmo que o contato físico seja 'quase proibido'?

Na atualidade já se fala em "novo normal". Como seria isso? Uma vivência adaptada? Com mais cuidados e com pessoas precavidas usando máscaras, álcool-gel, tapetes sanitizantes, aferição da temperatura, câmeras com infravermelho, cancelas controlando entrada e saída nos lugares, distanciamentos? Adaptação do mundo do trabalho, dos estudos, das relações? O mundo pós-Covid será mais humano, solidário e livre?

No contexto de outras terríveis pandemias que a humanidade sofreu será que as pessoas que sobreviveram tiraram alguma lição? Houve mudanças no interior de cada uma? Ao lembrar de grandes guerras acontecidas pelo mundo, pensamos da mesma forma, quantas mortes, feridos, mutilados, sofrimento, insegurança, fome e dor. Será que trechos tristes e amargos da história fizeram com que o ser humano aprendesse e valorizasse mais a vida?

As guerras, que houve pelo mundo, também foram algo que muito preocupou as instituições e os direitos humanos. Diante dessa situação era preciso ter um lugar onde pudessem ser discutidas as diferenças e situações que pudessem ser resolvidas, dialogadas, negociadas e entendidas: daí nasceu a ONU-Organização das Nações Unidas (1948). Com o sonho concretizado, um passo grande foi dado e, mesmo assim, continuaram

acontecendo guerras e vindo junto os desastres envolvendo vidas.

No cotidiano, se for pensar fora do contexto de guerras e de pandemias, veremos que tivemos em algum momento incompreensões, rigidez na educação, no cumprimento de regras, autoritarismo e indiferença de familiares, principalmente dos pais. Todas essas lembranças negativas acabam marcando a infância, adolescência, juventude e ao longo da vida os fatos podem ser repetidos, inconscientemente, se não forem conscientizados e feitas novas leituras. Embora acreditamos que no meio familiar seja o lugar de acolhida, amor e afeto, muitos genitores repetiram as histórias pessoais em seus filhos, de parte do que viveram, sejam elas boas ou ruins. A criação foi sendo repetida e não refletida. Com isso virou uma cadeia sequencial. Porém, muitos conseguem mudar os rumos da história afirmando pensamentos opostos do que viveram, "aconteceu comigo, mas meus filhos terão outra história, diferente da minha". Outros preferem repetir automaticamente deixando marcas talvez não tão boas.

Início do ano chegando, advento para um novo tempo, desejo grande por boas perspectivas para os 365 dias que virão. Porém, ainda vem aquela pergunta: como será o "novo normal" e o pós-pandemia? Tudo dependerá das lições que tivermos aprendido e assimilado, senão, corre-se o risco do mundo tornar-se mais egoísta, cada um se preocupando com sua sobrevivência e não se importando com o outro. Que o "novo normal", não venha com estranhamento de situações como festas às escondidas, ruas e praças cheias e com pessoas que mais usam a máscara como se fosse um cachecol do que mesmo uma proteção. A vida vale muito mais do que um momento de prazer por prazer, sem se preocupar com as pessoas e correr risco de contrair uma doença fatal.

O resumo do que já estamos vendo e vivenciando são lições que a pandemia tem dado. Com isso é preciso ter compaixão pelo outro que diante da situação perdeu o emprego, se encontra desestabilizado, voltou a ficar na linha da pobreza, enfrenta crises, miséria, doença, desamparo, está às margens da vida. Atenção a famílias que perderam seus entes queridos para ajudá-los a superar este momento. Ajudar a compreender as mudanças necessárias para a sobrevivência na terra após o que a humanidade viveu, a ruptura com a vida normal em todos os segmentos.

O mundo precisa continuar crescendo em solidariedade, dignidade, justiça e desejo pelo bem comum, seja por parte do governo, com acesso a programas e políticas públicas, bem como por meio de ações e movimentos sociais, igrejas, grupos, associações que tem como base a causa humana não somente lá nos outros países, mas em nossa cidade, no bairro e na rua onde moramos. Estes momentos têm nos ensinado várias lições, entre elas o desapego e a solidariedade.

Marcus Santiago
Membro da ALSJDR



A fantástica história da herança de barão de Cocais

Há 150 anos, possíveis descendentes do nobre tentam resgatar quantia escondida em banco de Londres

Descendentes de José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, o barão de Cocais, se aventuram há 150 anos em busca de uma lendária fortuna, sonham com terras ricas em minério, barras de ouro e libras esterlinas.

Morto por tuberculose em 1869, o patriarca que dá nome ao município mineiro teria deixado uma herança bilionária, acumulada em bancos ingleses, fruto da venda de uma propriedade destinada à exploração de ouro. Com destinação desconhecida por longo tempo, herdeiros começaram uma verdadeira caçada pela herança, que, na voz de uns, em caso de resgate seria suficiente para quebrar um banco inglês. Até hoje, herdeiros procuram advogados e recorrem a registros e certidões em cartórios para comprovar o parentesco.

Na internet, vasculham páginas em redes sociais e blogs para encontrar dicas sobre como resgatar documentos antigos e traçar a própria árvore genealógica. Usuários trocam experiências, repartem o passado de suas famílias e tentam descobrir se a fortuna existe e como resgatá-la.

Ao longo do século e meio desde a morte do barão, mais de dois mil interessados procuraram a justiça e entraram na fila para ter direito à herança, alimentados pelo sonho de enriquecer da noite para o dia.

No entanto, a realidade pode frustrar a expectativa: um pesquisador paraense defende que José Feliciano foi enganado e nunca recebeu o que tinha direito.



ESPERANÇA QUE ATRAVESSA DÉCADAS

A empreitada mais famosa dos herdeiros do barão de Cocais foi capitaneada pelo dentista Henrique Morgan de Aguiar, em 1947. Ele abandonou sua vida em São Paulo para viver em Minas Gerais, como tentativa de encontrar os documentos necessários para comprovar tanto a existência da fortuna quanto o direito de sua família às riquezas.

Ao doutor se juntou o advogado belo-horizontino Sigefredo Marques Soares. Ambos enviaram cartas para Londres e tentaram contatar mais de 25 bancos ingleses na esperança de comprovar a existência de depósitos feitos pelo barão no país europeu. A busca se estendeu até meados de 1973, e os interessados nunca receberam uma resposta satisfatória.

Duas gerações mais tarde, um neto de Henrique, Wellington Morgan de Aguiar, lembra alguns detalhes das tentativas infrutíferas do avô para encontrar a herança.

"Quem financiou toda a procura para conseguir obter alguma quantia foi o meu pai, dentista como meu avô. Fizemos todo o mapa genealógico da família, e meu avô chegou a se mudar para uma fazenda na Vila de Cocais. Todo o trabalho só gerou despesas e foi prolongado até a morte do meu avô, em 1967", conta ele, hoje com 61 anos.

Segundo consta em documentos inventariados pelo advogado, os Morgan de Aguiar e outros descendentes acreditavam que sócios ingleses teriam depositado 55 mil libras esterlinas em um banco inglês para pagar José Feliciano por ter cedido suas terras e escravos para a Companhia de Mineração Brasileira da Serra de Cocais. O barão seria ainda sócio da empresa e teria participação nos lucros da exploração aurífera na região.

Assim, para tentar encontrar o depósito feito, a empresa foi reaberta e Henrique se tornou presidente da companhia, que à época ainda existia no papel. A sede do grupo fictício foi instalada em uma sala do

edifício Maceió, à rua dos Carijós, no centro de Belo Horizonte, local onde Sigefredo mantinha seu escritório.

O segundo passo foi dado em janeiro de 1948. Um edital foi publicado em jornais brasileiros para convocar interessados em receber sua parte na herança. Cada um deveria contribuir com os honorários para o advogado e arcar com outras despesas inerentes ao projeto.

Ao longo de vinte e seis anos, documentos foram recolhidos, herdeiros reunidos e até advogados ingleses foram contratados. Estes deveriam ir até estabelecimentos bancários de Londres para vasculhar os arquivos em busca de registros do tal depósito, feito entre 1830 e 1840.

Contudo, o dinheiro nunca foi encontrado. Assim, em 1973, com Henrique Morgan já morto, Sigefredo encerrou sua participação no processo.

HERANÇA É CASO DE POLÍCIA

A tarde de 10 de agosto de 1988, pode ter passado despercebida para muitos moradores de Belo Horizonte. No entanto, quem passou à porta do Fórum Lafayette naquela quarta-feira se deparou com uma cena, no mínimo, curiosa: uma família de cariocas, irritada com o insucesso de um processo judicial, seguia em grupo da comarca para o hotel em que estava hospedada, à rua Tupis. Há relatos de que a confusão foi tamanha que a Polícia Militar precisou ser acionada para conter os ânimos.

Nísia Clelma tinha apenas 18 anos na época e lembra da saga de seus parentes. Tios e familiares próximos lhe contaram que a família inteira se mudou para uma pequena hospedaria no centro da capital mineira à espera do encerramento de um processo que lhes garantiria acesso à herança. Confiantes, alguns compraram carros recém-lançados e outros até adquiriram imóveis. O julgamento teve fim, ninguém ganhou qualquer quantia, e, anos mais tarde, descobriram que a advogada que liderava o processo era uma farsante.

De acordo com autos do processo, o dinheiro que lhes era merecido estaria depositada em uma unidade do Banco do Brasil, também na rua Tupis, e pertencia originalmente ao patriarca, homem cujo sobrenome era Nunes Gouvêa. Ele seria um dos acionistas da empresa de mineração da qual o barão de Cocais era sócio.

Assim, Nísia cresceu ouvindo sua avó tecer fábulas sobre a riqueza de seu tataravô. "Ela contava que o gado se perdia pelo pasto e que para andar na fazenda era necessário um trem, dadas as dimensões do espaço".

Após a morte de seu tio, ela foi nomeada responsável pelo processo e descobriu que, além da quantia estratosférica que estaria depositada em Belo Horizonte, haveria também depósitos feitos pelo tataravô em um estabelecimento bancário de Genebra, na Suíça.

Para Nísia foi contado que, se toda a família Gouvêa, espalhada pelo Brasil, reivindicasse a fortuna, o banco decretaria falência.



OSSOS ENTRANHADOS EM MINAS

As narrativas fantásticas sobre a herança do barão são tão conhecidas que foram parar na obra "Baú de Ossos", importante arquivo memorialístico publicado pelo médico mineiro Pedro Nava, em 1972.

Segundo conta o autor, o sonho de enriquecer era tão vivo entre descendentes que todos começaram a aparecer em municípios de Minas Gerais atrás de pequenos indícios e documentos que possibilitassem o acesso à riqueza.

"A história foi se espalhando e ninhadas de outros Pintos, cunigrupos de outros Coelhos vieram, aos pelotões (...), para tomarem advogado, para se habilitarem aos tesouros do barão. Pinto Coelho, Pinto disto, Coelho daquilo, outros já nem mais com o nome e com outros sobrenomes, gente de cidade, matutos do interior, ricos e pobres, claros e escuros, louros de cabelo liso, morenos de cabelo ruim, doutores e analfabetos", escreve Nava.

Paulo Roberto Pinto Coelho, herdeiro de barão de Cocais

Na versão, um curioso e importante personagem aparece: é José Luís Pinto Coelho, descendente do barão e dono de uma farmácia de Santa Bárbara, município vizinho da antiga Vila de Cocais. Procurado por primos do interior, o "Juquita" era irônico e aconselhava que todos deveriam ir atrás da herança.

Depois de tanto brincar com parentes, o próprio José Luís teria começado a acreditar no tal depósito feito por sócios do barão em Londres. Assim, contratou seus próprios advogados e caiu "com gordos cobres na esparrela das despesas iniciais do processo", como descreveu o memorialista.

Passados 51 anos desde a publicação desta história, filhos do farmacêutico ainda mantêm o negócio e comercializam medicamentos no centro de Barão de Cocais. À frente do comércio, está Paulo Roberto Pinto Coelho, de 67 anos. Para ele, a história parece um tanto distante, mas tem lembranças sobre o sonho do pai de enriquecer.

"O que sei sobre essa história é que o dinheiro está todo em Londres. Muitos tentaram ir atrás, inclusive meu pai quando era vivo. Eu e meus irmãos éramos todos meninos. Um advogado veio atrás do meu pai, disse que ia resgatar o dinheiro, mas comeu tudo que meus tios deram, e nunca apareceu fortuna nenhuma", rememora.

Em um dos mais conhecidos sobre o tema, há comentários datados desde outubro de 2004, e, nele, autor e visitantes trocam impressões sobre o passado de suas famílias na tentativa de identificar um possível parentesco com o barão de Cocais.

Os visitantes do blog se dizem moradores de todas as regiões de Minas Gerais, há registros de possíveis descendentes dos Pinto Coelho da Cunha em Rio Casca, Ponte Nova, Manhuaçu, Ipatinga, Dolores de Guanhanes, Ouro Preto, Juiz de Fora, Além Paraíba e um número incontável de municípios. Há notícias de familiares que debandaram também para São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás.

Uma comunidade no falecido Orkut também reunia brasileiros com sobrenome "Pinto Coelho da Cunha". Apesar de criados no início da década de 2000, esses grupos e páginas online continuam sendo alimentados tanto por curiosos quanto por seus próprios autores.

Aos 72 anos, Antônio Carlos de Castro é dono de um dos sites que contém registros genealógicos sobre a família do barão de Cocais. Sua pesquisa teve início em 1965, quando ele ainda tinha 18 anos, e, desde 2001, compartilha na internet todos os documentos que encontra sobre a vida de José Feliciano.

"Muitas pessoas querem comprovar que são herdeiras para reaver a fortuna, mas isso é muito complicado e se estende há mais de cem anos. Dizem que o barão fez um testamento afirmando que seu dinheiro só poderia ser distribuído aos herdeiros passados cem anos, mas isso não é comprovado", comenta.

Entre os arquivos coletados ao longo de cinco décadas estão certidões de nascimento e óbito do barão de Cocais, uma lista com todos os sócios que pertenceram à Companhia de Mineração que explorava o ouro nas terras do município e até artigos jornalísticos sobre o assunto, publicados em meados dos anos 1960. À época, veículos brasileiros noticiavam a primeira grande empreitada dos descendentes para reaver o dinheiro.

A página que administra hoje foi criada em 2015 e, de lá para cá, Castro já recebeu mais de 27 mil visitantes nela.

QUE HISTÓRIA É ESSA DE FORTUNA?

A confusa e mirabolante história por trás da fortuna do barão de Co-

cais não é invenção de seus herdeiros, e fatos históricos comprovam que José Feliciano Pinto Coelho da Cunha foi, sim, o homem mais rico de Minas Gerais, em meados do século XIX.

No entanto, o pesquisador paraense Fábio Carlos da Silva defende que o barão morreu pobre e possivelmente endividado. No início dos anos 1990, Fábio vasculhou documentos em arquivos públicos da Inglaterra e descobriu toda a história por trás da herança e os acordos feitos entre o nobre e sócios ingleses.

De acordo com documentos encontrados, por volta de 1830, José Feliciano firmou uma parceria com alguns investidores vindos da Inglaterra, chefiados pelo aventureiro Eduardo Oxenford, para explorar ouro na Vila Colonial de Cocais. Segundo contrato estabelecido, o mineiro cederia escravos e terras aos londrinos e, em troca, receberia 55 mil libras esterlinas, além de ações da recém-criada Companhia de Mineração Brasileira da Serra de Cocais.

Mas, conforme consta na tese de doutorado de Silva, defendida em 1998, na Universidade Federal do Pará, o barão nunca recebeu um centavo e passou seus últimos anos de vida tentando reaver as libras perdidas.

Por outro lado, Oxenford enriqueceu às custas de seus sócios brasileiros e ingleses. Há registros de que ele subnotificou a quantidade de ouro retirada das minas na região.

"Oxenford ficou muito rico em 1840 com a extração de ouro em Cocais e acabou fundando o Banco Comercial de Londres. Em 1810 ele era um mero mascate e, anos depois, se tornou um dos principais investidores da Bolsa. Isso por meio das fraudes cometidas. Boa parte do lucro que deveria estar nas contas do barão e de outros sócios foi desviada e apropriada pelo inglês", explicou Silva, autor de "Barões do Ouro e os Aventureiros britânicos no Brasil".

À época, ingleses enganados por Oxenford chegaram a processá-lo. As "maracutaias" por ele coordenadas foram tão grandiosas que o aventureiro foi expulso de seu país de origem e viveu seus últimos dias escondido em uma colônia judaica na França.

Fábio acredita que o fato de José Feliciano ter sido um dos homens mais ricos de Minas Gerais durante o século XIX contribuiu para que herdeiros e moradores da região acreditassem na existência da herança. "O barão faleceu pobre, reclamando ações apropriadas por Oxenford. Ele tinha, sim, muitas ações e supostos depósitos, recursos valiosos, mas que não estavam em sua posse e nunca foram pagos", detalhou.

Em 1861, oito anos antes de sua morte, o barão de Cocais reclamou em carta escrita a seu genro que estava cansado de ser enganado. À época, ele ainda tentava reaver a fortuna perdida.

AS FANTÁSTICAS LENDAS SOBRE A FORTUNA

A história mais conhecida sobre a herança diz que Oxenford realizou um depósito em bancos londrinos em nome do barão, no valor de 55 mil libras esterlinas. Segundo contam, a quantia nunca foi resgatada, e, em 1914, o jornal inglês "The Times" teria publicado um artigo que falava sobre depósitos que já tinham ultrapassado o tempo legal de rendimento de juros, e, por isso, a fortuna caducaria se não fosse resgatada. Pesquisadores não encontraram o edital, mas há quem diga que nele não havia qualquer alusão ao barão de Cocais.

Alguns herdeiros acreditam também que há barras de ouro, pertencentes ao barão, no Banco do Brasil. Procurada, a instituição informou que infelizmente, não tem registro dessas transações.

Há ainda outras versões mais inusitadas e até folclóricas da história original. No livro "Barão de Cocais e sua Fabulosa Fortuna", Izidra Caldeira Brant, bisneta de José Feliciano, contou que o nobre, muito doente, pediu ao filho que enchesse duas arcas com ouro. Uma seria enviada a um amigo, e a segunda deveria ser jogada em um rio, já que o dinheiro não poderia salvá-lo da morte.

Também há quem conte que o barão, ameaçado de prisão após a revolução liberal de 1842, teria ordenado que oito escravos escondessem todo seu dinheiro em um local secreto. Feito o serviço, sete deles teriam sido assassinados e apenas um, chamado Estevam, conseguiu escapar. Anos depois, o homem foi encontrado por um dos filhos do barão em uma selva na região da vila. Ao perceber que a família de José Feliciano o havia encontrado, o escravo teria precipitado-se em um abismo e morreu sem revelar o segredo. Se assim fosse, a fortuna continuaria enterrada até os dias atuais.

Desta lenda, uma quarta fábula nasceu: há quem acredite ainda que uma porta secreta, no meio de uma selva, esconde um compartimento onde o dinheiro, em barras de ouro, permanece armazenado.

MANOELINA MARIA DE JESUS

“ SANTA” MANOELINA DOS COQUEIROS

Na década de 1930, milhares de pessoas, vindas das mais variadas partes do Brasil e até do exterior, demandavam a localidade de Coqueiros, no município de Entre-Rios de Minas, em busca de um milagre. Na verdade, em busca de Manoelina Maria de Jesus, moça simples, pobre, analfabeta, campesina, honesta, virtuosa, católica fervorosa, que vivia com um terço à mão, entoando benditos e que se alimentava à base de vinho e água. Filha de Miguel José da Rocha e D^a Rosária Maria de Jesus, humildes lavradores, residentes no local “Coqueiros”, tendo o casal, além de Manoelina, os seguintes filhos: João (que se ordenaria padre), Isaura (freira), Divino, Deusdedit, Jorge, Miguel e Estela. A família viria a se mudar para Dom Silvério (hoje Crucilândia, então distrito de Bonfim) no dia 09 de abril de 1931. Fizeram-no pela madrugada, veladamente, passando a morar em uma humilde casinha no lugar denominado “Capão” na estrada que ligava Crucilândia a Piracema e Passa Tempo ⁽¹⁾

Proferia ela muitas preces, algumas delas transformadas em hinos pelos milhares de romeiros ⁽²⁾ Sabe-se, ademais que se entregava à vida e prática religiosas, buscando acompanhar as prédicas dos sacerdotes. Não saía de casa, à exceção dos domingos e dias santos para assistir a Santa Missa na Igreja Matriz de Crucilândia, onde recebia os sacramentos ⁽³⁾ Não se alimentava, é o que se dizia. Jamais fora vista ingerindo quaisquer tipos de alimentos. Exames médicos realizados em Belo Horizonte, para onde fora levada, certa vez, não detectaram vestígios de alimentos em seu estômago. Neste período, durante a estada na capital mineira, internada à força no Nosocômio “Raul Soares”, recusara toda forma de alimentação que lhe fora insistentemente, forçadamente oferecida.

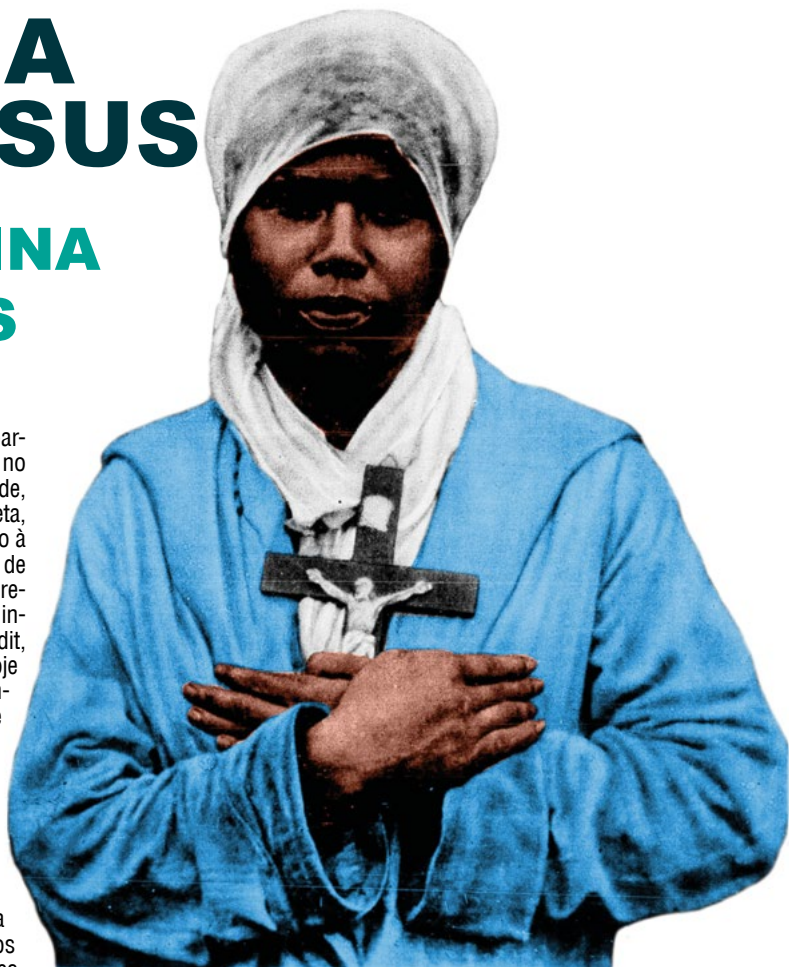
Curada aos 16 anos de uma séria tuberculose, segundo ela pela ação direta de uma entidade angelical, que lhe recomendou prestar caridade a todos os necessitados. Dizia ver em “sonhos” a São Francisco de Assis, Santa Clara e anjos. A partir de então, passou a ajudar os outros, a vestir-se de uma comprida túnica azul, véu branco na cabeça, a dormir num estrado duro de madeira sem colchão ou roupa de cama. Atendia as pessoas que passaram a procurá-la em um cômodo de terra batida, benzina água magnetizada que distribuía aos presentes, rezava, distribuía sua bênção e recomendava que todos orassem; normalmente não receitava remédios e a todos recebia com benevolência e carinho. Muitos enfermos traziam-lhe ex-votos de cera e retratos.

A repercussão em torno ao seu nome - de “santa” milagreira – foi enorme, espalhada aos quatro ventos por grandes veículos de comunicação da época, como a revista “O Cruzeiro” e o jornal “A Noite”. Em 1931, mudou-se, em companhia da família (eram, ao todo, 16 irmãos) para Dom Silvério, distrito de Bonfim, diz-se por pressão da Igreja local ⁽⁴⁾

Manoelina jamais recebeu dinheiro pelos milagres e prodígios que realizava, acolhendo com bênçãos todos os romeiros e doentes, que, para ali se dirigiam em busca da cura dos males físicos e da alma. Além das multidões diárias em seu casebre, a ela chegavam milhares de cartas do Brasil e do exterior, a que ela benzina, realizando a seguir uma incineração. Tamanho o seu volume, a correspondência endereçada a Manoelina era carregada em balaies e sacos repletos até as bordas. Há relatos de que moedas de réis e até pesos eram vistos entre as cinzas dos papéis das cartas (dado o hábito de muitas pessoas colocarem dinheiro em correspondências)

Imprensa e literatos – Além do jornalista David Nasser, que veiculou reportagens sobre a “Santa” na revista “O Cruzeiro”, importantes escritores como Zélia Gattai (que sobre Manoelina escreveu um notável texto intitulado “A Santa dos Coqueiros”), Otto Lara Resende, Carlos Drummond de Andrade ⁽⁵⁾, Ramón García (que produziu um filme-documentário a respeito em 1931) ⁽⁶⁾, Tristão de Ataíde, Guimarães Rosa ⁽⁷⁾ dentre tantos outros, narraram seus miraculosos feitos.

A historiadora Conceição Parreiras Abritta registrou em seu livro “História de Crucilândia” (Belo Horizonte, Página Studio Gráfico, 1988, pp. 100/103): “Chegavam caminhões repletos de pessoas em sua casa. Gente a pé, a cavalo, pessoas vindas de todos os lados (...) Chegavam sacos repletos até as bordas de correspondências, muitas das quais traziam di-



neiro”

A morte da “Santa” - Vítima de anemia profunda, Manoelina faleceu aos 14-03-1960 na cidade de Crucilândia, onde então residia, sendo enterrada no cemitério parouquial daquela cidade, sepultura nº 284, onde os romeiros ainda a invocam e dela afirmam receber graças e como lembrança deixam-lhe flores... O jornal “A Noite” assim relata:

“Ontem, às últimas horas da tarde, estive em casa de Manoelina e com ela palestrei largo espaço de tempo. A “Santa” estava de pé, gozando de perfeita saúde. Hoje, muito cedo, mandou ela um portador chamar-me (...) Entramos no quarto de Manoelina. Ela estava prostrada. – Que tem ? perguntamo-lhes. A moça, com temperatura muito elevada, segurou-me pela mão e disse: - Fui avisada... E não disse mais nada (...) Manoelina agoniza; lentamente seus olhos cerraram-se, sua boca emudeceu. Apenas o coração arfa com compasso desmedido. Contempla-lhe a fisionomia e ela tem a serenidade dos justos” (Marialva Barbosa – “História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000” Rio de Janeiro, Mauad X, 2007, p. 93) (8).

Até hoje, a “Santa” é lembrada por importantes estudiosos e líderes religiosos, principalmente os seguidores do Espiritismo, que a citam como uma das grandes expressões da fenomenologia mediúnica e da taumaturgia em nosso País. O Prof. Saul Martins opinou que “na área do Espiritismo, sobretudo o de Allan Kardec, a primeira expressão revelada foi Manoelina ou santa Manoelina dos Coqueiros, como se tornou conhecida e venerada na década de 30. Seguiram-se Chico Xavier, Zé Arigó...” (In “Folclore em Minas Gerais” 2^a ed., Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1991, p. 68).

O escritor João Dornas Filho, por sua vez, em artigo publicado no “Estado de Minas”, 2^o cad., p.3, de 11-03-1962, refere-se de forma preconceituosa, senão açodada à “santa” Manoelina (e extensivamente a toda a fé popular) afirmando, entre outras “preciosidades”: “...revela (Manoelina) à sua mãe o sonho que tivera: um anjo lhe aparecera anunciando que Deus lhe confiara a missão de prestar caridade. Logo correu a notícia e começaram as curas que a imprensa sensacionalista e leviana de Minas e do Rio se incumbiu de espalhar para o País e o estrangeiro, chamando-a de Santa Manoelina dos Coqueiros. A sua vida, então, modificou-se de todo e encerrada no quarto, passava os dias a cantar hinos religiosos e a monologar coisas insensatas (...) O fanatismo, a ignorância e a má-fé se apossaram, então, da demente com todo o seu furor. Trens especiais despejavam diariamente milhares de forasteiros em João Ribeiro, vindos de todos os quadrantes do País e do estrangeiro”.

Algo peculiar a muitos intelectuais e ainda doutos de toda ordem, desvin-

culados das genuínas tradições e manifestações religiosas de nosso extorquido povo. Na visão desses “donos da verdade”, a culpa é do nosso atraso, de nossa mentalidade primitiva, do desespero da população ante a incúria e o ostracismo a que se acham relegados – e para o que os “doutos” pouco ou nada fizeram ou fazem. Intolerância, eis a definição dessa modalidade de pensamento.

A famosa sensível, que arrastou multidões a Entre Rios nos idos de 1930, prestando assistência material, espiritual e bênçãos, terá sua singela casa transformada em memorial. O local, também denominado Retiro Velho, no povoado de Coqueiros, dista 12 km da cidade. Nessa morada, “Santa” Manoelina viveu de 1911, ano em que nasceu, até os 19 anos. Uma forma de resgatar e preservar a memória material e imaterial – hoje

quase esquecida – da “santa” cabocla, cujos milagres ganharam o Brasil, atraindo multidões a Entre-Rios e região.

(Fontes: Prefeitura Municipal de Entre-Rios de Minas www.entreriosde-minas.mg.gov.br/?INT.PAG=2320, acesso em 11-09-2018)

O tema não passaria em branco para os memorialistas de nossa região, como Gentil Ursino Vale (Resende Costa): “...nos tempos de Manoelina, a Santa dos Coqueiros, que dizem fazia milagres num lugarejo da zona rural de Entre-Rios de Minas, nos anos 30...” (“Escavações no Tempo” p. 118) De nossa região deslocaram-se, igualmente, centenas de pessoas e caravanas até Entre-Rios e Crucilândia para serem atendidas por “Santa” Manoelina.

NOTAS

(1) *A mudança da família para Dom Silvério (Crucilândia) diz-se, por pressão do pároco e autoridades locais, assustados com a presença de multidões que ali chegavam, vindas de todos os lugares, a pé, a cavalo, em caminhões e por todos os meios de transporte possíveis à época. Segundo outras fontes, a família de Manoelina achava-se estressada ante a presença de tanta gente, sequer podendo trabalhar, alisar-se e dormir normalmente. Segundo a historiadora Conceição Parreiras Abritta, a família mudou-se “a convite de um amigo de Dom Silvério, o sr. Luiz Rocha” (in “A História de Crucilândia” p. 100) Ler ainda a nota 4.*

Tendo curado um homem portador de tuberculose, sr. Antonio Silvério, residente no Rio de Janeiro, este, em reconhecimento, mandou construir um cômodo anexo à casa de Manoelina, uma espécie de capela com altar e muitas imagens de santos. O povo denominou o local de “ermida” e ali Manoelina passou a atender as pessoas que a procuravam.

(2) *Eis a letra de um desses peculiares hininos entoados pelos romeiros:*

*“Se a cura é porque Deus quer,
É ele que inspira a Santa,
Só se dá o que Ele der
As trevas com a luz se espanta*

*Jesus Cristo está em Roma
Revestido no Seu altar
Tem o cálice bento na mão
E a missa nova quer cantar*

*Deus te salve, Casa Santa,
Onde Deus fez a morada
Onde mora o cálice bento
E a hóstia consagrada*

*Ofereço esta oração
A Nossa Senhora do Carmo
Não se esqueça de dizer
a Nossa Senhora das Dores*

*Nossa Senhora do Carmo
Tem o seu jardim de flores
Onde os anjos vão cantar
No domingo os seus louvores*

*Abrir as portas do Céu
Abrir a Santa Portaria
Para entrar o Redentor
Filho da Virgem Maria
(Fonte: “Estado de Minas”
2º cad. p.3, 11-03-1962)*

*Juntaram-se as Três Marias
Numa noite de luar
Procurando Jesus Cristo
Sem nunca poder achar*

(3) *Estranho fato ocorria à época da Semana Santa. À medida que a Semana ia passando, Manoelina adoecia, piorando a cada dia, até que na Sexta Feira, ficava à beira da morte. Já no Domingo da Páscoa, achava-se inteiramente restabelecida, revigorada, frequentando normalmente a missa de costume e comungando. Situação comprovada pela população e romeiros da época.*

(4) *Diz-se, entre tantas versões que circularam à época, que sua transferência para Crucilândia, juntamente com a família, fora por pressão do clero local que considerava Manoelina louca... (Fonte: www.correiodeminas.com.br/grupo-resgata-a-historia-da-santa-milagreira-manoelina-09/06/2018)*

Algo comum a certos setores da Igreja que descuravam e depreciavam a inculturação do Evangelho, a religiosidade popular, sua dimensão histórica e manifestações de vida, comportamento e contundentes forma(s) de fé nativa. O Cristianismo, nascido e avultado entre pessoas simples – pastores, pescadores, operários – menosprezando seus fiéis, pessoas do povo, igualmente agradadas com o dom de Pentecostes...

A “Santa” seria igualmente internada à força, durante algum tempo, no Manicômio “Raul Soares”, como forma de supressão/repressão ao seu trabalho miraculoso junto às multidões que a procuravam. No passado, a forma mais comum de se calar alguém, por parte das autoridades, era considerar o desafeto ou inoportuno “louco” internando-o nos tenebrosos hospícios. Ver, a esse respeito, matéria em nosso boletim nº LXXIII – outubro/2013 sobre o hospício de Barbacena.

(5) *Carlos Drummond de Andrade, sob o pseudônimo de Antonio Crispim, num texto expressivo, reverente, assim escreveu no “Minas Gerais”, edição de 25/02/1931:*

“...as pessoas que, antigamente, no dia mais ocupado da semana, tam-

bém chamado de descanso, seguiam para Santa Luzia, Morro Velho ou Acaba Mundo, vão hoje a Entre Rios, onde uma santa faz milagres no alto de um morro (...). A maioria, porém, vai a Coqueiros, porque Coqueiros é um lugar de bênçãos, onde um diálogo se estabelece, ardente e puro, entre os anjos do céu e uma cafuza da terra (...). A cafuza pede ao anjo que ponha ordem nas coisas do mundo, que retifique a perna dos paralíticos, que sare as feridas e conforte os comerciantes falidos. O anjo diz que vai providenciar e recolhe esses apelos da dor humana.

Enquanto isso, no morro, distribui-se uma água que jorra da bica e nessa água, que lava todas as misérias, os homens inquietos e as mulheres torturadas encontram a paz que inutilmente haviam perdido nos santuários, nas ruas e nos cinemas deste mundo. A santa, que é pobre, inspira mais confiança aos pobres que outras santas e sendo trabalhadora humilde da fazenda, tudo a recomenda ao carinho dos humildes, dos pequeninos que, até agora, não tinham uma representante direta na classe das taumatúrgas (...). A lição de Manoelina aos aflitos e curiosos que a procuram é uma lição de humildade (...). Na sua casa de barro, entre coqueiros (não sei bem se há coqueiros, mas deve haver), diante do trenzinho da Central, em que todos os doentes e infelizes de Minas e do Rio tomaram passagem, a santa rural fornece água, consolo, palpites de loteria, indicações para ser feliz em amor e mil outras coisas importantes (...). Pode não ser uma grande santa. Mas é uma santa mineira, o câmbio está baixo, a vida difícil, para quê mais?”

(6) *Filme documentário “A Santa de Coqueiros”, uma curta metragem em 35mm, com duração de 23 min, produzido em 1931 pela Companhia Produtora A. Sonscheim, distribuído pela Empresa Carlos Penteados, fotografia e operação de Ramón García, com exibição nos principais cinemas do País à época. Sua sinopse é a seguinte:*

“Na estação ferroviária de João Ribeiro (Entre-Rios) em Minas Gerais, a movimentação de pessoas, automóveis e lotações provenientes de cidades mineiras. Romeiros chegam por estradas de terra, alguns a pé e outros na carroceria de caminhão. Todos dirigem-se a Coqueiros, lugarejo onde habita a negra Manoelina Maria de Jesus, conhecida como a “Santa” de Coqueiros. Manoelina abençoa e benze seus fiéis com água milagrosa. Entre os crentes, muitos debilitados e deficientes físicos em busca de cura para os seus males. Manoel Bernadino, repórter do jornal “A Noite” faz anotações sobre o fenômeno. Major Cirino, da Força Pública, manifesta sua devoção em relação à “Santa. Manoelina benze os galões de água que os romeiros enchem suas garrafas e canecas. Uma caravana científica, composta pelos Professores Dr. Lopes Rodrigues, J. Mello Teixeira, José Cunha e do acadêmico Péricles de Oliveira dirige-se ao lugarejo para analisar as curas milagrosas. O Prof. Lopes Rodrigues examina o estado físico do sr. Carlos Duarte, curado de sua paralisia no lado esquerdo do corpo. Outros exemplos de curas milagrosas de Manoelina: Amando José Maria que, há sete anos, não via a luz, começou a ver após a bênção; e Antonio Rodrigues Goulart, ex-paralítico que deixou as muletas depois da cura milagrosa. Manoelina abençoa as correspondências recebidas de todo o Brasil e benze os fiéis presentes em Coqueiros”

(Fonte: Filmografia – “A Santa de Coqueiros” – Cinemateca Brasileira – bases cinemateca.gov.br/cgi_bin/wxis.exe/iah?Isiscript=iah/iah, acesso em 11/09/2018)

(Fonte básica: José Antonio de Ávila Sacramento www.patriamineira.com.br/ver_pdf.php?id_noticia=3098&id=3, acesso em 11/09/2018)

(7) *João Guimarães Rosa em seu livro “Sagarana” fala, ainda que de relance, em Manoelina: - “Ah, é a ciganada que está indo embora. Pegaram um dinheirão, levando gente de automóvel prá Santa Manoelina dos Coqueiros, que agora está no Dom Silvério” (p. 85)*

(8) *Vítima de profunda anemia, Manoelina faleceu no dia 14 de março de 1960, uma segunda-feira. Tinha ela 49 anos. Tão logo anunciada sua morte, centenas de pessoas, de todas as camadas sociais, acorreram à sua casa. Sepultada no dia seguinte, 15 de março, às 10 horas da manhã no Cemitério Paroquial de Crucilândia, sepultura nº 284, sendo seu enterro acompanhado, ao longo de três quilômetros, por inumeráveis e inconsoláveis pessoas em duas compactas filas.*

No alto da Lage surgiu um Arraial...

Texto de Ana Paula Mendonça de Resende



Antiga Matriz construída no século XVIII

Na região das Minas Gerais era assim: os pequenos núcleos populacionais se formaram em torno da mineração – ou porque no local existia ouro ou então era lugar de abastecimento para aqueles que dele se aproveitavam. E assim surgiu o Arraial da Lage na primeira metade do século XVIII, que abrigava tropeiros e viajantes. O Arraial pertencia à Vila de São José del-Rei, hoje Tiradentes. Sua proximidade com a sede da Comarca do Rio das Mortes, São João del-Rei, um importante entreposto comercial, foi fundamental para a ocupação do Arraial.

A Capela de Nossa Senhora da Penha, erguida em 1749, serve como marco inicial da história da Lage. Em torno da capela foram construídas casas para abrigar as famílias em época de festas religiosas. O Arraial mantém sua importância quando retomamos a história da Inconfidência Mineira. Dois participantes, o Capitão José de Resende Costa e seu filho de mesmo nome são considerados o elo entre a Lage e o passado mineiro. Curioso apontar que a numerosa família Resende descende do casal João de Resende Costa e Helena Maria, uma das “Três Ilhoas” que na década de 30 do século XVIII se estabeleceu na Fazenda do Engenho Velho dos Cataguás, em Lagoa Dourada. Eles eram os pais do Capitão José de Resende Costa.

A população dedicava-se ao plantio de gêneros alimentícios e também à criação de gado. Em 1831 eram 1.243 habitantes, entre homens livres e escravos. No centro da Lage cruzavam duas estradas: uma que ia do norte ao sul da Província de Minas Gerais; a outra, do Rio de Janeiro a Goiás. Às margens da estrada e dentro do Arraial havia ranchos que serviam de abrigo para os transeuntes e tavernas muito freqüentadas e famosas pela desordem que seus frequentadores causavam.

No início do século XIX, a Lage já se destacava por mostrar-se como um dos maiores concentradores de escravos da Comarca. O Distrito era composto por quatro quarteirões: Arraial, a Lage; o quarteirão dos Campos Gerais; o quarteirão do Ribeirão do Santo Antônio e o quarteirão do Mosquito. Nessas fazendas pôde-se constatar que não eram especializadas num

único tipo de atividade agrícola, assim como a maioria das fazendas mineiras, famosas pela sua diversificação econômica. Essa diversificação pode ser constatada pela ampla utilização das atividades domésticas têxteis que foram responsáveis pela ocupação de quase todas as mulheres do Distrito da Lage na época Imperial.

Em 1832 foi criado o Curato (povoação que conta com a presença de um vigário) da Lage como filial da Paróquia de Lagoa Dourada. Em 1836 foi desmembrado de Lagoa Dourada e incorporado a São José. Em 1840 o Arraial da Lage foi elevado à categoria de Paróquia com o título de Nossa Senhora da Penha de França do Arraial da Lage.

Na área urbana, a arquitetura passava por modificações. Em 1857 deu-se o início da construção da Igreja do Rosário que durou 10 anos. O Padre Joaquim Carlos e alguns fazendeiros deram início à construção de uma capelinha mor. Depois, a capela foi ampliada. Em finais do século XIX, outras obras foram iniciadas: em 1882 foi construído o cemitério, ampliado em 1895.

A atual Matriz de Nossa Senhora da Penha de França não é a que foi construída no século XVIII. A primeira começou a desabar nos anos de 1893 a 1896 e precisou ser completamente reformada. A obra aconteceu de 1901 a 1909, que, além de consertá-la, visava ampliá-la diante do grande número de pessoas que deixavam a zona rural e já moravam na Vila. Apesar dessa informação, a reforma recente a que a Igreja Matriz foi submetida demonstrou que não houve a total demolição da antiga Igreja, pois conseguiram encontrar vestígios da capela original.

... E O ARRAIAL VIROU MUNICÍPIO: NASCE RESENDE COSTA!

O crescimento da localidade urbana seria então responsável pela emancipação do município. Em 30 de agosto de 1911, foram criados o município e a vila, com a denominação de “Vila de Resende Costa”. Como geralmente se considera como data de criação de



O casarão onde é sediada a Câmara Municipal de Resende Costa já foi propriedade das famílias Souza Maia e Pintos. O prédio funcionou também como sede do Poder Executivo de 1936 a 1987

um município a data de sua instalação, comemora-se a emancipação da cidade no dia dois de junho de 1912, quando ocorreu realmente a sua instalação oficial. Ainda assim, somente em 1923 é que se mudou a denominação para Resende Costa. Naquela época as reuniões políticas ocorriam no Paço da Câmara, atual prédio do Fórum. A Câmara tinha uma preocupação urbanística que visava preservar a harmonia da vida de seus moradores.

Com a emancipação política, um surto modernizador atinge a cidade, que vai ter muitas de suas construções do centro da cidade demolidas e, logo após, construídas outras no mesmo lugar. O início do século 20 marcou um período de transformação no qual tudo precisava ser novo e o crescente aumento da população era pertinente com a idéia de modernidade que se seguiu nos anos seguintes.

O símbolo do poder político em Resende Costa é a Câmara Municipal. O casarão foi posse da família Souza Maia que ali se estabelecia em dias de festa. Depois a residência chegou às mãos dos Pintos. Mas a terceira década do século 20 mudou os rumos do uso do patrimônio. O imóvel particular passou a ser público. Em 1936, o prefeito da cidade, Dr. Costa Pinto, foi autorizado a comprar o prédio. Somente nessa época passou a sediar o Legislativo e o Executivo que, desde 1912, funcionavam no atual edifício do Fórum. Em 1987, o executivo municipal foi transferido para o prédio do antigo Ginásio Nossa Senhora da Penha, onde permanece. O velho sobrado, propriedade da Prefeitura, sedia a Câmara Municipal.

Em 2012, comemoramos o centenário da emancipação política de Resende Costa. A partir de 1912 a cidade passa a existir legalmente e ter uma maior autonomia, no momento em que adquire sua “libertação política”. Oficialmente, nascemos e passamos a viver com essa liberdade em Minas Gerais em 1912. No entanto, não podemos esquecer que essa localidade já existia desde 1749, quando se registrou a construção da Capela de Nossa Senhora da Penha de França.

Nesses últimos 100 anos presenciamos o desenvolvimento de Resende Costa: mas não perdemos o encanto da nossa mineirice:

temos um pôr-do-sol fascinante do “alto da Lage” e o colorido do artesanato têxtil que herdamos do período colonial nos fazem reconhecidos pelo Brasil afora.



Fazendeiros e autoridades no dia da instalação do município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- MARTINS, Elaine Amélia. PINTO, Rosalvo Gonçalves. (org.) *Um olhar sobre Resende Costa: coletânea de textos do Jornal das Lajes*. Resende Costa: Amirco, 2011.
- PINTO, Rosalvo Gonçalves. *Os inconfindentes José de Resende Costa (Paie Filho) e o Arraial da Laje*. Brasília: Senado Federal, 1992.
- RESENDE, Alair Coelho de. *Casos e causa do vovô Totonho da Chapada*. Palmas: Provisão, 2010.
- REZENDE, José Augusto de. *livro de pallidas reminiscências da antiga Lage - hoje - Villa de Rezende Costa*. Resende Costa: Amirco, 2010.
- REZENDE, Vera Cruz. *Trilhas do Passado*. Barbacena, 1996.
- TEIXEIRA, Mária Lúcia Resende Chaves. *Família escrava e riqueza na Comarca do Rio das Mortes: o Distrito da Lage e o Quarteirão do Mosquito*. São Paulo: Annablume, 2006.

FAZENDA DO CAPÃO SECO

Lagoa Dourada

Desconhece-se o nome do primeiro proprietário da fazenda do Capão Seco. Eram terras inicialmente exploradas por mineradores paulistas no trajeto da Estrada Real. A sede da Fazenda do Capão Seco, foi provavelmente construída em meados do século XVIII. Sabe-se que foi propriedade de Domingos Teixeira de Carvalho, dele passando à sua filha Maria Teixeira de Carvalho c/c João de Miranda Ramalho (enviuando-se, D. Maria Teixeira de Carvalho viria a se casar com Bento Gonçalves da Costa) A 05-10-1775, Domingos Teixeira de Carvalho requer à Coroa Portuguesa a confirmação (posse) da sesmaria de meia légua de terra que possuía no distrito de Lagoa Dourada (AHU-Com.Ultra Brasil/MG cx. 108, doc. 63) No inventário de Domingos Teixeira de Carvalho, aberto aos 07-02-1783, a Fazenda do Capão é descrita com “casas de vivenda cobertas de telhas forradas e assoalhadas (...) outras casas também cobertas de telha que servem de venda, com matos virgens, capoeiras e campos e logradouros que parte com Miguel Gomes Oliveira, André Esteves, João Bernardo Pacheco, com Joaquim de Resende, com Pedro Gonçalves, Gaspar de Andrade ...”, avaliada em 2:200\$000. No inventário de D^a Maria Teixeira de Carvalho (1822), que a herdara de seu pai Domingos Teixeira de Carvalho, a mencionada Fazenda do Capão Seco, é descrita como bem de raiz “com casas de vivenda, moinho, paiol e senzala e uma grande olaria, tudo coberto com telha com alguns muros de pedra no terreiro, quintal com alguns arvoredos, com terras de plantas e uns poucos campos que de uma parte se divide com o Capitão Joaquim de Miranda Ramalho e com o desembargador Estevão Ribeiro de Resende e com Dona Gertrudes Joaquina da Silva”, avaliada em 4:800\$000. Dentre os bens inventariados, à época, constavam 44 escravos.

Prosseguiria a sua posse em família, passando a João de Miranda Ramalho, por si e por partes adquiridas dos demais herdeiros. Em março de 1856, a fazenda estava em posse do Capitão Antonio José de Miranda, que assim informa no registro de terras (Livro Paroquial n. 110 – Lagoa Dourada) “Possui huma Fazenda e culturas denominada Capão Seco nesta freguesia de Lagoa Dourada, cujos limites são os seguintes: pelo noroeste com a fazenda do Rdo. Pedro Ribeiro de Resende, pelo poente com a fazenda do Capitão André Esteves dos Santos, pelo norte com a fazenda do Coronel Manoel Rodrigues Chaves, pelo sul com Pedro Ribeiro de Resende, levará pouco mais ou menos setecentos alqueires...” O Capitão Antonio José de Miranda faleceu na Fazenda do Capão Seco aos 23-11-1864. Foi casado em primeiras núpcias com D^a Maria Joaquina Rodrigues de Miranda, tendo 3 filhos e em 2^{as} com D^a Maria José de Crotona de Miranda, tendo 6 filhos (Inventário 1865 – BC-17/484 – Museu Regional de São João Del-Rei).

A pesquisadora Keila Cecília Melo faz interessante comentário ao Registro Paroquial de Terras-RPTs no distrito de Lagoa Dourada (1856): “Em Lagoa Dourada, maior área declarada nos RPTs, um percentual de 6% da extensão total era distribuído entre mais da metade da classe de proprietários (57 declarantes), sendo que somente seis fazendeiros tinham o domínio de 60% da área declarada. Os dois maiores declarantes eram Francisco Coelho de Paula, senhor da Fazenda Mendanha com 7.260 hectares e Antonio José de Miranda, possuidor das fazendas Capão Seco com 3.388 há e Bandeirinhas 3.872 ha” (Senhores e Possuidores – Estrutura Fundiária, Unidades Rurais Pro Indiviso e o mercado de terras em Minas Gerais – São José do Rio das Mortes c. 1830 c.1850” UFSJ, 2015, pp. 61/62).

Aspectos históricos, físicos e arquitetônicos da Fazenda - A sede



da fazenda foi construída numa baixada, encosta de um morro nas proximidades das conferências dos córregos da Contenda e da Beta com o córrego do Ribeiro. A propriedade hoje é cortada pela Rodovia Br-383, que passa dentro de Lagoa Dourada, ligando São João Del-Rei à Rodovia Br-040 nas proximidades de Congonhas. A fazenda, provavelmente, teve sua origem na afluência, no início do século XVIII, de mineradores que se instalaram em volta à lagoa, hoje área central de Lagoa Dourada.

Sede da fazenda de consideráveis dimensões – cerca de 680m² - de quase 32m de fachada por 21m de profundidade. São 12 vãos na frente: 11 janelas providas de vidraças tipo guilhotina e porta de entrada. Esquadrias com vergas curvas e alongadas. Paredes em taipas de pilão com cerca de 40cm de espessura, uma técnica de construção do período colonial. Pé direito com mais de 4m de altura. Nos cantos, esteios lavrados sustentam os frechais. Telhado com 4 águas na parte principal com bifurcações para atender as irregularidades da planta originalmente em forma de “U”. Sede composta por 21 cômodos, incluindo ampla sala de entrada, com 4 quartos à esquerda, ampla capela ao fundo, sala de visitas à direita, grande cozinha com despensa, enorme fogão a lenha dotado de serpentina para prover a casa de água quente.

São, ao todo, doze quartos, dois do tipo alcova (sem janelas, dizia-se para manter as filhas sob o olhar vigilante dos pais). Banheiro, cozinha e despensa ficam na parte posterior. Área total da sede: 477,40m², subdividida por paredes de pau a pique com pé direito de mais de 4,30m. piso assoalhado com tábuas largas, teto forrado por tiras de palha e esteiras de taquara trançadas, pintado de branco, destacando-se cornijas de madeira que contorna(m) o teto da sala de entrada. Lâmpião belga com detalhes rococó pendendo do teto da sala de visitas, hoje adaptado para a rede elétrica. Externamente, sobressai-se ampla escada quadrangular em granito aparelhado a picão junto à porta de entrada. Parte da frente parcialmente adornada por jardim murado. Um banco de pedra, um pouco adiante que servia para as mulheres alcançarem o silhão, quando iam montar. Antigas benfeitorias como senzala, engenho e outras não existem mais, substituídas por estábulo, silo, cobertas para implementos agrícolas e garagem.

Com o falecimento do Cap. Antonio José de Miranda (1864) a fazenda foi vendida a Francisco Pereira Azevedo, grande latifundiário e mercador da região, e após sua morte (1904) passou para seu filho o Cel. Francisco Pereira Sigmaringa, casado em Palmira (Santos Dumont) com Emília Eugênia de Miranda.

O Cel. Francisco Sigmaringa, por sua vez, vendeu-a em 20/06/1922⁽⁴⁾ ao Major Marcos de Oliveira Braga (20/01/1874-09/11/1951) que, por sua vez, passou-a a seu filho Wantuil Monteiro de Oliveira (10/05/1897-26/01/1979) c/c D^a Maria Jacinta Campos (31/05/1898-04/12/1970) e deste, em 3^a geração, a seu filho Antonio Sebastião de Oliveira (17/01/1930-18/08/2009) c/c D^a Maria das Mercês Campos, atual proprietária e administradora. Fabricava-se na fazenda a manteiga marca “Touro Indiano”, incrementada pelo Major Marcos de Oliveira Braga, comercializada no Rio de Janeiro, em latas hermeticamente lacradas com o auxílio de uma cravadeira. Produzia toucinho e carnes salgadas em grande escala, graças à criação e engorda de suínos, vendidas em Prados e São João Del-Rei, além da produção de rapadura, açúcar, aguardente, larga produção de café, cujas lavouras se espalhavam até as proximidades das fazendas vizinhas.

O CASAL BENTO GONÇALVES DA COSTA E MARIA JOAQUINA DE SOUSA

D^a Maria Joaquina de Sousa, a 1^a esposa de Bento Gonçalves da Costa, era natural de Curalinho, vila de São José, filha de Antonio de Souza de Siqueira (ou Cerqueira) e Francisca Xavier. Ditou seu testamento na Fazenda das Éguas aos 17-10-1792, falecendo aos 06 de dezembro do mesmo ano, sendo seu inventário aberto aos 27-02-1793. (Projeto Compartilhar – Pedro Xavier e Luzia Bicuda de Alvarenga)

Filhos do casal Bento Gonçalves da Costa e Maria Joaquina de Souza:

I. Ana, c/c Vergolino Martins Pereira, moradores do termo de Queluz (Conselheiro Lafaiete);

II. Antonio Gonçalves da Costa;

III. Domingos Gonçalves da Costa, morador em Pium-i, termo de Tamanduá;

IV. Feles (Félix) Gonçalves de Souza; V. Joaquina, c/c Joaquim de Miranda Ramalho; VI. Manoel Gonçalves de Souza; VII. Justino Gonçalves de Souza, demente.

NOTAS

(1) João de Miranda Ramalho, nascido por volta de 1732, era natural da freguesia de São Lourenço, bispado do Porto, filho de Manoel Antonio Ramalho e Ana Gonçalves de Miranda. Casou-se com Maria Teixeira de Carvalho em 1762, na capela de Santo Antonio de Lagoa Dourada. Chegou ao Brasil em 1760, passando a residir em Lagoa Dourada, atuando como fazendeiro (sede: Fazenda do Capão Seco) e outros negócios. Aos 25-09-1770, requereu a El-Rei D. José I confirmação de sesmaria de “meia légua de terra” na freguesia dos Prados, termo da Vila de São José da Comarca do Rio das Mortes (AHU – Com.Ultra-Brasil/MG Cx.98, doc. 12 /Doc. n. 63280, Universidade de Brasília). Faleceu aos 27-05-1778 com testamento redigido aos 14-05-1778, registrado no livro de óbitos da matriz de Prados. Nomeou como seu 1^o testamenteiro seu cunhado João da Costa Paes; em 2^o lugar o Cap. João Martins Rodrigues e em 3^o a José Simões da Fonseca.

D^a Maria Teixeira de Carvalho era filha de Domingos Teixeira de Carvalho e Luiza da Costa Ferreira, neta paterna de Antonio de Carvalho e Maria Teixeira, neta materna de João da Costa Ferreira e Domingas Teresa.

(2) Os inventários de Maria Teixeira de Carvalho e Bento Gonçalves da Costa acham-se arquivados na Cx. C-06, Museu Regional de São João Del-Rei)

(Fonte: Projeto Compartilhar – Maria Teixeira de Carvalho)

(3) Domingos Teixeira de Carvalho e Luiza da Costa Ferreira casaram-se aos 11-10-1747 na capela de Santo Antonio de Lagoa Dourada. Ele, natural da freguesia de Santa Maria de Canedo, Colérico de Basto, arcebispo de Braga, onde nasceu e foi batizado por volta de 1717, filho de Antonio Carvalho e Maria Teixeira. Falecido na freguesia de Prados aos 09-05-1782, com testamento aberto aos 07-02-1783 por seu sobrinho Manoel Alves Teixeira. Migrou para o Brasil, estabelecendo-se e enriquecendo-se com minas de ouro em Lagoa Dourada; ela, natural da freguesia de São Romão, arcebispo da Bahia, filha de João da Costa Ferreira e Domingas Teresa de Jesus.

D^a Luiza da Costa Ferreira foi c/c João da Costa Paes em 1^{as} núpcias, ele falecido e sepultado na freguesia de Santo Antonio da vila de São José (Tiradentes)

Domingos Teixeira de Carvalho ditou seu testamento aos 18-05-1782 e seu inventário, como vimos, aberto aos 07-02-1783 pelo inventariante, seu sobrinho Manoel Alves Teixeira (Cx. 336 – ano 1783, Museu Regional de S. João Del-Rei) O casal Domingos Teixeira de Carvalho/Luiza da Costa Ferreira deixou a filha e herdeira Maria Teixeira de Carvalho c/c João de Miranda Ramalho, em 1^{as} núpcias e c/c Bento Gonçalves da Costa em 2^{as} núpcias.

(4) Na “Cadermeta” do Major Marcos de Oliveira Braga (1874-1951), nosso avô materno, encontramos as seguintes anotações: Pág. 48 - 20-06-1922 - “Comprei a Fazenda do Capão Seco por 285:000 / Direitos pagos 10:273”; Pág. 50 – 21-06-1922 “Firmei ao Coronel Francisco Sigmaringa 1 Letra vencível em 01 de dezembro de 1922 – 51:000. Firmei mais 5 letras ao mesmo vencível em 21 de junho de 1923 – 27:000; 21 de junho de 1924 – 27:000; 21 de junho de 1924 – 27:000; 21 de junho de 1925 – 27:000; 21 de junho de 1926 – 27:000; 21 de junho de 1927 – 27:000 – Total 237:000” A diferença entre o valor total da compra e os títulos (“letras”) mencionadas pelo comprador, provavelmente tenha sido paga à vista (“entrada”)

CAPITÃO ANTONIO JOSÉ DE MIRANDA

O Capitão (ou Major) Antonio José de Miranda casou duas vezes: em primeiras com Maria Joaquina Rodrigues de Miranda (falecida aos 18-05-1841, filha do Cap. Severino Rodrigues Chaves e sua 1^a mulher Ana Gonçalves de Miranda), tendo os filhos: I. Romualda Chaves de Miranda, com 7 anos em 1842. Casou-se aos 22-10-1848 com Pedro Chaves de Miranda, seu tio; em 1857 eram residentes no Rio de Janeiro; II. Eliziário Antonio de Miranda, nascido em 1839, com 3 anos em 1842. Em 1857, estava casado (esposa D^a Rosa Maria de Magalhães), residentes em Formiga; III. Maria, com 6 meses em 1842, vindo a falecer antes da partilha materna.

O inventário de D^a Maria Joaquina Rodrigues de Miranda foi aberto na Fazenda do Capão Seco aos 11-02-1842, sendo inventariante o viúvo Major Antonio José de Miranda (Cx. 162, ano 1842, Museu Regional de São João Del-Rei). D^a Maria Joaquina faleceu aos 18-05-1841, deixando, como já foi mencionado, dois filhos vivos: Romualda e Eliziário. A outra filha Maria faleceu em criança. O montemor líquido da partilha foi 9:138\$789.

O Major Antonio José de Miranda foi casado em segundas com D^a Maria José de Crotona de Miranda, tendo os filhos: I. Afonso Júlio de Miranda – em 1868 estava c/c Inocência Pereira Nunes, moradores em Paraíba do Sul; II. Maria Afonsina de Miranda – em 1868 estava c/c Nuno Telmo da Silva Mello; III. Anacleto Gustavo de Miranda – em 1868 estava casado e em 1873, já viúvo aos 27 anos, negociante em Juiz de Fora; IV. Joana Josephina de Miranda – c/c Ignácio Ernesto Nogueira. Casamento realizado aos 14-09-1867 em Juiz de Fora, onde residiram; V. Luiza Adelaide de Miranda nascida aos 17-01-1853; com 16 anos em 1868. Casou aos 12-05-1872 com Teófilo Dutra Chaves na matriz de Santo Antonio de Lagoa Dourada, moradores na Corte (Rio de Janeiro) Viúva, consorciou-se em segundas aos 13-12-1894 com o Dr. Emilio Luiz Rodrigues Horta, capitão e cirurgião mor, natural de Caeté e residentes em Bauru; VI. Antonio José de Miranda com 14 anos em 1868, tutelado pelo cunhado Ignácio Ernesto Nogueira da Gama.

O Major Antonio José de Miranda faleceu aos 23-11-1864, sem testamento, sendo inventariado pela 2^a esposa e viúva D^a Maria José de Crotona de Miranda. Deste (2^o) casamento ficaram 6 filhos, como vimos retro: Anacleto, Afonso, Maria Afonsina, Joana, Luiza, Antonio. Pelos autos de partilha, notam-se problemas (litígios) entre os herdeiros do 1^o e 2^o casamentos, em função da herança, e que se arrastariam por anos (ao longo da década de 1870). D^a Maria José de Crotona era sobrinha neta de Tiradentes, filha do Cap. José Antonio Magalhães e Maria Rita de Jesus Xavier. Em 1868, quando do inventário do falecido Cap. Antonio José de Miranda, estava já c/c o Dr. Joaquim Francisco da Silva e residentes em Juiz de Fora.

A viúva, D^a Maria José de Crotona de Miranda, como vimos, viria a se consorciar com Joaquim Francisco da Silva, por profissão advogado. Este, segundo consta nos autos, viria a dissipar dolosamente toda a fortuna de sua mulher, D^a Maria José de Crotona de Miranda e Silva, cerca de 70 contos de réis, “deixando-a à mingua e sem meio algum de subsistência, além de comprometer a legitima dos órfãos filhos da mesma”.

Chama ostensivamente a atenção o auto de partilha do 2^o inventário em valores de 161:364\$916, que incluía terras, benfeitorias, mobiliários e objetos de ouro, prata, cobre, ferro etc. (Inventário 1865 – BC-17/484).

Ainda: à época e no corpo do inventário há apenas a seguinte declaração: “Os órfãos Anacleto, Afonso, Dona Afonsina, Dona Joana já se acham casados (...) A órfã Luiza está com a idade de dezesseis anos e que mora com a tutora (mãe), tendo sido educada em diversos colégios. O órfão Antonio está com a idade de quatorze anos e que está no colégio de Congonhas, educando-se” (Projeto Compartilhar – Maria Joaquina Rodrigues de Miranda / Major Antonio José de Miranda).

DESCENDENCIA DE JOSÉ DE MIRANDA RAMALHO

O Cap. José de Miranda Ramalho casou-se com D^a Maria Rodrigues da Silva aos 17-08-1795 na capela de Santo Antonio de Lagoa Dourada, ela nascida por volta de 1775, natural e batizada na freguesia de Prados.

Tendo se mudado para o Sertão (Triângulo Mineiro) em 1823, com praticamente toda a família, o Cap. José de Miranda Ramalho é homenageado no hino da cidade de Prata, onde se estabeleceu, conforme os versos: "O Capitão edificou à Senhora do Carmo a sua igreja". Ditou e datou seu testamento aos 28-08-1863.

O Cap. José de Miranda Ramalho e família, no início de 1823, por influência de seu irmão Miguel Teixeira de Carvalho, emigraram para o "Sertão do Rio da Prata" (hoje cidade de Prata) Em Lagoa Dourada, permaneceram 3 de seus filhos: Antonio José de Miranda (que viria a herdar a Fazenda do Capão Seco), José Miranda Ramalho e Rita de Miranda. Venderam seus bens e caminharam com carros de bois até o sertão, com 81 escravos. Uma verdadeira epopeia de 800 km, chegando ao sertão do Rio da Prata, onde residia e se estabeleceu, desde 1818, seu irmão, o todo poderoso Guarda Mor Miguel Teixeira de Carvalho, fazendeiro no local Paraíso, às margens do Rio Tijuco. Com ele, seguiram sua filha Maria Miranda, acompanhada do marido Manoel Ferreira de Souza que se instalariam na Fazenda Bebedouro Grande, no Prata. Após a morte do Cap. José de Miranda Ramalho (1844), parte da família retornou a Lagoa Dourada.

Filhos do casal Cap. José de Miranda Ramalho e Maria Rodrigues da Silva:

1. Maria de Miranda e Silva, nascida em 1796 em Lagoa Dourada, ali batizada aos 14-11-1802, sendo padrinhos o tio Miguel Teixeira de Carvalho e D^a Valentina Joaquina da Silva, esposa de João de Miranda Ramalho. Maria de Miranda e Silva casou com Manoel Ferreira de Souza aos 03-02-1812 em Lagoa Dourada. Faleceu em 1845 na Fazenda Bebedouro Grande, no Prata, para onde emigrara com o marido Manoel Ferreira de Souza e filhos pequenos em 1823, juntando-se à companhia de seus pais Cap. José de Miranda Ramalho e Maria Rodrigues da Silva. Manoel Ferreira de Souza nasceu em 1789 (ou 1793) na Fazenda Piaui, termo de Queluz (hoje pertencente ao município de Casa Grande) tendo falecido na Fazenda Bebedouro Grande, no Prata, em 1833.

2. Joaquim José de Miranda Ramalho, nascido em 1797

3. José de Miranda Ramalho (Filho), nascido em 1798 em Lagoa Dourada e falecido por volta de 1883

4. Ana Joaquina de Miranda Ramalho, nascida em 1799 (ou 1802) em Lagoa Dourada

5. João José de Miranda, nascido em 1804, batizado aos 19-11-1804 na capela de Lagoa Dourada

6. Maria Joaquina de Miranda Ramalho, irmã gêmea de João José, nascida em 1804. Falecida aos 18-05-1841

7. Bárbara de Miranda Ramalho, nascida em 1806, batizada aos 30-09-1806 na capela de Lagoa Dourada

8. Constância de Miranda Ramalho, nascida em 1810

9. Gertrudes Joaquina da Silva, nascida em 1811

10. Estevão José de Miranda, nascido em 1816

11. Rita Miranda

12. Antonio José de Miranda Ramalho, nascido em 1813 e falecido aos 23-11-1864 (ver box).

(Fonte parcial: Internet - Antepassados de Honorina Nunes Miranda)

A LENDA DA FAZENDA DO CAPÃO SECO

A fazenda do Capão Seco fica à margem da Estrada Real, a meia légua da pequena cidade de Lagoa Dourada, Minas Gerais, por onde andaram os paulistas em busca do ouro, o "tão precioso ídolo" no dizer severo de um viajante do início do século 19.

A cidade, famosa pelo seu rocambole e queijadinha, tem uma localização pitoresca. Fica na Serra das Vertentes, a quase 1200m de altitude, um divisor de águas das bacias do São Francisco e do Paraná. É curiosa a referência a uma casa que, em dia de chuva, de um lado do telhado a água corre para o rio São Francisco e do outro lado corre para o rio Paraná. O nome vem da existência de uma lagoa de água dourada pela presença do ouro, que não existe, mas foi minguando até ser aterrada de vez.

A história que vou contar aconteceu há muito tempo e nos foi contada pelos seus atuais proprietários, Sr. Antonio Sebastião e D. Mercês, gentis e hospitaleiros, durante o almoço que nos ofereceram na sede da fazenda, um casarão setecentista, em que foi servido frango com quiabo, prato típico mineiro, preparado no fogão de lenha pelas exímias cozinheiras Rosa e Cecília.

Aquele mesmo casarão, com capela interna dedicada a Nossa Senhora do Carmo, foi palco de um acontecimento ocorrido em tempos remotos, quando a fazenda pertencia a um certo capitão, homem rico e poderoso, mas de coração duro e empedernido, incapaz de um ato generoso, de estender a mão a um desvalido.

O fato é que, certo dia ao entardecer, apareceu na porta da fazenda uma mulher com uma criança no colo, pedindo pouso e agasalho para aquela noite que se anunciava fria. O capitão, impiedoso, diz à mulher que não, que ela fosse até a cidade meia légua dali, que lá ela encontraria abrigo. Entra no casarão e dá o assunto por encerrado. Mal sabia ele o quê o esperava.

Na manhã seguinte, o pessoal da fazenda, ao reunir o gado no curral para a lida do dia, depara com uma cena horripilante. Jazia a mulher morta no chão do curral e a criança sugando o sangue que escorria de seu peito.

Os homens, chocados com a cena assustadora, correm até a sede da fazenda e contam ao capitão o presenciado. Este, assustado e talvez sensibilizado ou levado pelo remorso ou ambas as coisas, manda que recolham o corpo da mulher e a criança e toma as providências para o enterro no dia seguinte.

A noite, todos se recolhem. Quando amanhece, novo choque. O corpo da mulher havia desaparecido. A sala não tinha o menor vestígio do velório, estava na mesma ordem de sempre, com os móveis no mesmo lugar de sempre, como se nada houvesse acontecido, tudo dentro da mais absoluta normalidade.

Mal refeitos do choque, vem a pergunta: onde está a criança? Não havia criança, nem sinal de criança. Desaparecera também. Pois é! Essa é a lenda – essa sim! - está viva na memória de todos. Tenho, por mim, que são os infinitos mistérios de Minas. Expliquem-os quem quiser, ou pueram.

(Domingos Perino Netto – "Jornal da Divisa" Ourinhos, SP – ed. 19 e 20/08/2006)

Proprietários da Fazenda do Capão Seco (que se conseguiu apurar)

- Domingos Teixeira de Carvalho (+ 09-05-1782)
- Maria Teixeira de Carvalho (+ 25-01-1822)
- João de Miranda Ramalho (+ 22-01-1832)
- Antonio José de Miranda (+ 23-11-1864)
- Francisco Pereira Azevedo (1904)
- Francisco Pereira Sigmaringa (1922)
- Marcos de Oliveira Braga (+ 09-11-1951)
- Wantuil Monteiro de Oliveira (+ 26-01-1979)
- Antonio Sebastião de Oliveira (+ 18-08-2009)
- Maria das Mercês Campos, atual proprietária



RELIGIÕES E PANDEMIA

“Deus é o agente primário, a causa primária, a última explicação de tudo o que acontece”
(Mark R. Talbot)



Algo que chamou a atenção geral, no transcurso da pandemia COVID-19, foi/é o esvaziamento de grandes espaços e cenários específicos para megaeventos, grandes afluxos de pessoas, a exemplo de estádios de futebol, shoppings, templos religiosos, muitos deles faraônicos. De um momento para outro, locais imensos, construídos para acolher multidões, viram-se imobilizados. Com certas igrejas ou denominações, ocorreria um fato singular: acostumadas a doutrinar/manipular grandes rebanhos, trabalho midiático dentre quatro paredes, pastores viram-se desorientados, manietados por perderem suas fontes de exortação templária e doutrinação hegemônica e - principalmente - receitas milionárias providas das impostações de dízimos.

Igrejas - mormente as sensíveis à palavra e ao missionato - ante os novos tempos, terão que se moldar, se concentrar na simplicidade, na essência do encontro e do relacionamento diários com Deus, o transmutar suas mensagens na conversão pessoal real. Terão que rever suas posturas, redefinir suas agendas e sua pregação, por vezes anticientíficas, antiprogressistas, pelo menos onde a ciência expressa raízes cristãs, éticas, como a defesa da vida. “Unir ciência e piedade”, sabendo-se que o governo e a chave da história acham-se nas mãos sapienciais e nos ombros multiformes de Cristo e não na conceituação humana, ainda que recheada de floreios doutrinário-teológicos ou libelos programáticos. O senhorio de Jesus Cristo se faz igualmente pela fé racional, pela ciência espiritualizada, pela unidade da Verdade. Terão que se reinventar, exercer papel transformador, motivador, ministerial – do Espírito e não de homens-estrela ou popstars ou robôs de uma fé mercantilizada – despojar-se de seu caráter temporal, comercial, numa busca insana, tresloucada por visibilidade, credibilidade político-social, riquezas e poder mundanos. Terão muitos que se arrependem, se santificar, requalificar seu papel vocacional, várias delas mancomunadas com políticas partidárias sórdidas, envoltas outras em negociatas, em pirotecnias midiáticas, em estrelatos que se contrapõem inteira e totalmente à simplicidade evangélica. O voltar-se para a singularidade, abolindo-se vícios de autopromoção, de lideranças falaciosas, de simonias e egolatrias.

Não só púlpitos, mas cátedras perderam seus pontos de partida,

com seus produtos consumistas, suas porções prontas, servidas goela abaixo, o que, decerto, levará muitos pastores e pensadores sensatos à revisão de propostas, a buscarem mais essência, mais vivência, mais dependência do Senhor, ou seja um missionato vivo, pulsante, consciente e conscientizador. Os fiéis precisam caminhar com os próprios pés, adquirirem maturidade, porquanto a lição fundamental de Cristo é o encontro, a partilha, o sermos sal, luz, fermento onde atuamos, onde somos chamados. Mais vida, mais fraternidade, menos ideologismo empresarial e político-partidário, menos centros de cooptação numérica, menos cetros de juízos dantescos...

“Barateamos o Evangelho quando o retratamos apenas como algo que nos liberta da tristeza, do medo, da culpa e de outras necessidades pessoais, em vez de apresentá-lo como uma força que nos liberta da ira vindoura” (John Stott).

Os sinais do Reino de Deus se manifestam por toda a parte – não apenas em templos e, por vezes, longe deles – transformando vidas, comunidades, redescobrimdo/revelando valores essenciais à jornada humana. O Senhor confunde os estultos, fazendo-se presente, atuante, de forma silenciosa, misteriosa, internalizada, como semente radiosa germinando à noite, no solo de Seu povo, de Sua Vinha. A reunião dos santos prosseguirá indelevelmente, pois somos congregados em espírito e verdade, independentemente das aglomerações e manifestações públicas, muitas delas rocambolescas, espalhafatosas, para mera sedução massificada, pois, afinal estamos cheios de “tocadores de trombetas” (Mt 6:2) O Senhor mobiliza incansavelmente Seus santos, guerreiros e cavaleiros, sob a égide de São Miguel Arcanjo, armados de sol e fé intrépidas, que se movem pelas florestas das mentes obscuras, por toda parte, irradiando “conhecimento, cura, ordem interna, justiça interna, paz e convicção nas trevas de nosso tempo” (Karl Konig).

APELIDOS EM SÃO TIAGO

E
Elefante, Esquisito, Escorpião, Emerinda

F
Feio, Frango, Fubá, Forró, Formiguinha, Foicinha, Fiuinho, Farinha, Fica, Fute, Fogueteiro, Fafá, Fica Quietos, Fordinho 29.

Autor: Tiago do Rosário Mendes Santiago – Tiago do Beco



FONTE, CHAFARIZ

Local mágico na cidade de São Tiago, num declive acentuado de terreno com água cristalina e abundante, grande bica e pedras ao redor, extenso gramado rodeando a fonte, situado na “Rua dos Fundos” enfrente às residências da “Família Licota” e “Cristina do Aristides”.

Com sol aparecendo, todas as manhãs, lavadeiras em “procissão”, chegavam ao local. Eram mulheres simples, sérias, trabalhadeiras, mães de família, casadas, solteiras, cores e idades diversas, saias rodadas, panos coloridos nas cabeças, chinelos de dedos, carregando grandes “trouxas” de roupas sujas para serem lavadas, enxugadas, engomadas e alvejadas “com anil” naquele chafariz de água espumosa.

Muitas usavam o “sabão preto”, feito artesanalmente por elas mesmas, numa sabedoria milenar; passada de mãe para filho.

No local, havia umas grandes pedras com “ranhuras”, onde as roupas eram arremessadas, batidas para sair o caldo e ficarem clarinhas e limpas.

Circundando a fonte, enorme gramado compunha aquela “aquarela de roupas” perante o céu anil, que a todo o momento era mudado e nunca confundido pelas lavadeiras, num festival de vida e cores.

Grandes arames amarrados mais acima, onde lençóis coloridos, pesadas colchas de tear, de piquê, cobertores, colchas de lã, crochê, roupas diversas, inúmeras/bonitas cores, toalhas com barrados de rendas, grossas tiras bordadas bailavam neste varal colorido, dão vida e alegria àquele lugar com grandes bacias de alumínio ao chão.

À tardinha, com o sol se pondo, as lavadeiras amarravam suas “trouxas” e com seus rostos queimados, cansados, mas, felizes subiam as ladeiras e becos, cantarolando suas canções populares no retorno ao lar.

As roupas eramentregues para as famílias mais “bastardas”, o seu “quinhão” recebido muitas vezes trocadas e novas trouxas apanhadas para o dia seguinte.

Com a mesma serenidade da labuta retornavam aos seus lares, alegres pela recompensa, faziam ainda uma infinidade de coisas e novamente, no dia seguinte roupas diferentes compunham aquele varal colorido.



“Encontrei com Nossa Senhora / A beira do rio, / lavando paninhos, / de seu Bento Filho. / Senhora lavava, / José estendia. / Menino chorava, / do frio que sentia. / Não chores menino, / Já podes mamar. / Que o sol está quente / a roupa vai secar...”

(Cantiga cantada por elas, ensinada pelo Sr. Arminda Vieira, há 60 anos)

Maria Elena Caputo



TORNEIRINHAS

Nos anos de 50/60, muitas de nossas casas, em São Tiago não possuíam água encanada.

A água para alimentação e serventia, tinha que ser apanhada em torneiras públicas, nas ruas, mantida pela prefeitura.

Nas casas, geralmente na cozinha, as pessoas erguiam um depósito de tijolos revestidos com cimento liso e tampa, ali era depositada toda água para uso da família. As de uso para “bebês” ficavam em bilhas, filtros, potes separados.

Geralmente, uma mulher, talvez a dona da casa, saía todos os dias, na maioria das vezes, pela manhãzinha para buscar água

na torneira, abastecendo assim o depósito utilizado para lavar alimentos, cozinhar, dar banhos nas crianças, molhar plantas, dar de beber aos animais, etc.

Era um ritual diário, pesado e necessário: fechar a casa, apanhar as crianças, chamar à vizinha, colocar uma saia mais comprida, blusa limpa, calçar chinelos, pegar uma “lata grande de banha” e fazer enormes “ródias” de panos macios para amortecer o peso da lata na cabeça. E lá iam estas mulheres... rostos singelos, cabelos amarrados, corpos “esguios”, poucos sorrisos e muita prosa animada, levando pelas mãos, 1/2 crianças.

No local da torneira, sempre já se encontrava um bom número de mulheres, com o mesmo objetivo, dar “um dedo de prosa” e encher logo seus vasilhames, levá-los para casa e voltar imediatamente para “pegar mais água”. Era um trabalho coordenado semelhante ao das abelhas fazendo mel em suas colmeias.

Época das festas tradicionais, onde se recebia muitas visitas, este trabalho era mais árduo. As roupas novas, de cama, eram retiradas dos baús cheirando “naftalinas”, as porcelanas finas saíam do guarda-louça, os pratos e xícaras novas eram retirados dos armários, as roupas brancas “engomadas”, as tábuas do chão lavadas com “folhas de piteira” para espumar, então, o gasto de água era muito grande e a procura acentuada nos mesmos dias. Entre as “comadres”, a solidariedade estava sempre presente, todas se ajudavam mutuamente: no levantar da lata, no ajeitar da “ródia”, no amarrado do avental, no colocar

a criança na cintura ou de lado, etc... Assim elas desciam as ruas, os becos, “tricotando seus casos” várias vezes ao dia, num constante vai e vem.

Nos locais das torneiras, havia sempre uma dinâmica sincronizada: enquanto uma lata enchia. A outra já estava esperando sua vez e as “outras” bem próximas, aguardando na fila. Com esmero e carinho, todas muito conscientes, contra o “desperdício”, nunca deixavam o precioso líquido escoar pela terra afora e nem as crianças brincarem com estas águas.

E assim, de gota em gota, de lata em lata, estas mulheres, guerreiras, anônimas, enchiam seus depósitos, ornamentavam suas casas e levavam conforto e tranquilidade aos seus lares.

(Nota: 02 pontos de torneiras: 1ª) Na esquina da casa do Sr. José Augusto Resende e dona Lilia (água boa). Chamava-se “Água Velha” – usada para beber. 2ª) No muro da família de dona Nenega Caputo - Rua Prefeito Wanderley Lara – ossada para todos os fins. Existiam outras noutros locais).

Maria Elena Caputo

WWW.AEDUCACAOINOSMOVE.COM.BR/ DIVULGAÇÃO



Sem o solo devidamente manejado, sem técnicas produtivas e sustentáveis, sem a dedicação humana, não há produção adequada de alimentos. Sem os frutos da terra, não teríamos a arte culinária que acompanha a humanidade desde tempos imemoriais. Segundo o antropólogo Levi-Strauss em seu livro “O cru e o cozido”, a arte culinária, o preparo dos alimentos, retirados de seu estado original, é uma forma de expressão cultural. Desde a pré-história, as marcas da civilização, da convivência humana, acham-se em torno a uma fogueira, a um fogão ou forno de lenha, porquanto o alimentar é uma forma excepcional, mágica da vida coletiva.

Assim, a preocupação, hoje, das pessoas motivadas a conhecer melhor, a desvendar o mundo da alimentação e extensivamente da agricultura. Assuntos como a emissão de gases de efeito estufa, poluição do ar, da água e do solo, desmatamentos, queimadas e incêndios (em sua maioria absoluta, criminosos), componentes tóxicos industriais, sinistros climáticos (que geram o aumento dos preços dos produtos), a prática da especulação por grupos mercantis, são de interesse individual e coletivo. O consumidor se conscientiza a cada dia e pressiona pela produção de alimentos de forma sustentável, pela utilização de energia renovável com a eliminação de combustíveis fósseis poluentes, como petróleo, xisto etc. A agricultura vê-se, pois, na contingência de utilizar insumos ambientais – água, matéria orgânica, reciclagem de resíduos, fixação de carbono, preservação e regulação dos ciclos hidrológicos – cada vez mais, de forma sustentável, limpa, circular, mediante a reutilização e recomposição dos materiais disponíveis. Afinal, os recursos naturais são finitos, sendo uma aberração, senão uma loucura, a prática do desperdício, da produção sem limites de resíduos, descartes, sucatas...

A POSIÇÃO DO BRASIL FACE AO MERCADO MUNDIAL DE ALIMENTOS E À PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

BRASIL – um país continental com imensos – e quantas vezes tão maltratados – recursos naturais. Território com 8.516.000 Km² São 851 milhões de hectares, dos quais 38 milhões são cidades (áreas urbanas), 75 milhões são lavouras, 192 milhões são pastos, 553 milhões de hectares são florestas. Temos 12% da água doce mundial e 7.400 km de águas continentais (floresta azul) Nosso mega-ambiente abriga mais de 13% da biodiversidade mundial em seus 6 biomas: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal e Pampa.

A Lei n. 13.123/2015 - Lei da Biodiversidade Brasileira – resguarda o nosso direito de propriedade sobre os recursos genéticos internalizados. Nosso atual governo, porém, é instável, temperamental, quando não inoperante contra as atrocidades cometidas contra nossas florestas, reservas indígenas, destruição de rios (poluição, mineração clandestina, ações de foras-da-lei) A sociedade aguarda, ansiosamente, seja sancionado pelo Governo atual o “Protocolo de Nagóia – 2010” que define as formas de acesso aos recursos genéticos, a exploração e repartição justa de seus benefícios e com isso a melhor proteção de nossa flora e fauna e o adequado manejo ambiental dessas nossas riquezas.

As próprias lideranças empresariais do País, incluindo altos executivos do sistema financeiro, industrial, agronegócio, vem-se posicionando firmemente contra o desmatamento ilegal, queimadas e incêndios descomunais, a perda da biodiversidade, o que é péssimo para o agronegócio e a sociedade nacional, exigindo-se, para tanto, a imediata implantação/aplicação do Código Florestal e demais dispositivos legais-constitucionais. Se não forem tomadas públicas enérgicas e imediatas, corremos o risco de perda de mercado externo de carne e grãos e até mesmo sanções internacionais. Fala-se até em levar autoridades brasileiras atuais a tribunais penais internacionais por omissão e prática de crimes ambientais!

Tais gravíssimos fatos levam autoridades e parlamentares a pleitearem a elaboração da Convenção ou Estatuto do Meio Ambiente, com a formatação de legislação e políticas que normatizem de vez as relações com a natureza, bem como as responsabilidades do Poder Público e da sociedade.

Temos plenas condições científicas, tecnológicas, políticas e principalmente racionais para combatermos os abusos ambientais, ajustadas à produção equilibrada de alimentos (somos hoje uma potência agrícola, competitiva e agressiva, garantindo abastecimento regular e segurança alimentar a cerca de 200 países) à sustentabilidade ambiental, o que deve merecer prioridade de todos nós, a iniciar-se por governantes e empresários. O Covid-19 vem-nos mostrando a importância da saúde, sanidade, da alimentação sadia, de uma sociedade mais integrada e justa. A necessidade, ademais, de desenvolvimento de sistemas naturais, socioculturais de nossos biomas ou seja, programas de bioeconomia tropical, pois aqui localizam-se milhões e milhões de brasileiros ainda em situação de extrema pobreza. “A pandemia é uma resposta biológica do planeta à exaustão” (Fritjof Capra, físico e ambientalista austriaco).

AUTISMO E PESTICIDAS

Até 2025, uma em cada duas crianças corre o risco de se tornar autista, é o que afirma a Dra. Stephanie Sennett, cientista pesquisadora do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos da América, autora de mais de 170 artigos acadêmicos sobre doenças e distúrbios de nossa época. Ela aponta o glifosato, componente do Round-up e de outros pesticidas, como causador/ativador de males como autismo, câncer, mal de Alzheimer. Segundo a pesquisadora, os produtos transgênicos contribuem substancialmente para distúrbios neurológicos em crianças. Os ingredientes transgênicos usados nas lavouras acumulam-se no tecido humano, tendo sido encontrados altíssimos níveis de glifosato em amostras de leite materno.

As taxas de autismo crescem assustadoramente nos Estados Unidos, havendo, segundo a Dra. Sennett, similaridade/correlação entre o uso do glifosato e a utilização de sementes transgênicas nas plantações comerciais com o aumento acelerado das taxas e sintomas do autismo, doença que gera altíssimos custos hospitalares (cerca de US 400 bilhões/ano) ao lado de incalculáveis custos emocionais e pessoais para famílias e profissionais da saúde. Assunto deveras controverso, mas que gera questionamentos e interações, pois há outros pesquisadores como o Dr. David Warmflash, que considera o autismo como genético. De qualquer forma, há consenso que agrotóxicos fazem mal à saúde humana e ao meio ambiente.



Há relatos de famílias com crianças autistas de que obtiveram resultados surpreendentes, eliminando da alimentação todos os agrotóxicos e neurotoxinas, optando por alimentação orgânica. As crianças adquiriram melhorias na fala, nas habilidades cognitivas e sociais – e isso em semanas! Vivemos, deploravelmente, num mundo dominado pelo capital, onde governantes e empresas – farinhas do mesmo saco – se unem em busca da concentração de renda e em detrimento dos interesses e direitos sociais da população, obrigados todos nós a engolir tudo goela abaixo!

(Fonte: Portal Raízes – 04/03/2019).

O PAÍS DOS ‘DIREITOS’

Coisas absurdas ocorrem em nosso País, desde os tempos de Cabral e que persistem até os tempos atuais, conforme relatados pela mídia ou mesmo em rodas de bate-papo. Os atores, os agentes geralmente autoridades públicas, grandes empresários, pessoas que deveriam dar o exemplo (ou não?)

1. Certo cidadão, funcionário do antigo BEMGE, então banco oficial do Estado, trabalhava no setor de inteligência da Instituição. Coisa de 30, 40 anos atrás. Por sua seção, passavam planilhas de pagamentos de conselheiros de tribunais, desembargadores, altos executivos políticos. Valores assombrosos, estratosféricos, depositados em código, ou seja, os nomes dos beneficiados eram substituídos por números e letras (uma espécie de criptografia) Os titulares se envergonhavam, à época, de assumir seus nababescos e inconcebíveis salários, inacreditáveis para um cidadão comum, à base de privilégios, mordomias, autoconcessões, “direitos legais” lançando mão do artifício de códigos...

2. Ai, pela década de 1970, em plena vigência do regime militar, a imprensa noticiou um estranho concurso realizado em alta instância judiciária no Distrito Federal. Advogados – e parece a própria OAB - denunciaram que o concurso fora manipulado – o edital fora publicado em uma sexta-feira de carnaval em uma das páginas centrais do Diário Oficial da União, letras praticamente ilegíveis, o prazo final das inscrições encerrando-se na quarta-feira de cinzas. Quem se inscrevera? Quem passara no concurso? Resposta: filhos e apaniguados de figurões da República.... Favas contadas. O concurso era apenas formalidade, coisa para inglês ver...

3. Certa empresa estatal lançara grossa quantidade de detritos em uma propriedade particular, danificando pastagens e atingindo o leito de um rio, em suma, gravíssimos danos ambientais e finan-



ceiros. Ficara o dono sem pastos e sem água para seu rebanho. O proprietário acionou administrativa e judicialmente a empresa, tendo o processo “adormecido” em berço esplêndido, por mais de 10 anos nas prateleiras ou gavetas do exuberante fórum. Ao cabo desse tempo, o processo foi arquivado, com a justificativa pelo magistrado de “decurso de prazo” e que os danos eventualmente causados pela reclamada (empresa poluidora) tinham sido diluídos pela própria natureza...

Achamo-nos todos perplexos. Investigações levadas a efeito pela eficiente Polícia Federal, Ministério Público e demais órgãos fiscalizadores da República tem desnudado e comprovado a total podridão de muitas de nossas instituições e de grande parte de nossos governantes, políticos, altos empresários, graúdos do funcionalismo público e – inconcebível - até figurões de toga e de farda, pegos com a boca na botija. A Nação descobre, estarecada, que há séculos, vem sendo pilhada despidoradamente, e o que, até então, se supunha ou se ouvia dizer, viu-se plenamente confirmado, em particular pela notável “Operação Lava-Jato” e ações do MP, PF e da Justiça.

O Estado suga a população através de impostos absurdos, prestando-nos os piores serviços possíveis, atendendo-nos mal nas repartições e ainda, por cima, agasalhando meliantes de toda ordem – gente cínica, cruel, sem alma, que rouba até recursos destinados ao combate à COVID. Não dispomos de educação, saúde, saneamento de qualidade; estradas em más condições (apenas 10% das estradas brasileiras são asfaltadas), milhões de desempregados, péssimos índices de segurança... Os grupos dominantes mantêm, a qualquer custo e por quaisquer meios, suas agendas de poder, lucro, rapinagem. Nada lhes toca a consciência: o sofrimento e a miserabilidade de milhões de compatriotas, a devastação ambiental, o desemprego em massa, problemas sociais de toda ordem. Para eles, somos irrelevantes, inexpressivos, apenas instrumentos – quiçá escravos - a seu serviço.

“Na vida, não há prêmios nem castigos: somente consequências”

SAPIÊNCIA DIVINA E LIÇÕES DE ADVERTENCIA



Lidamos, quase a todo momento, com problemas dolorosos, tragédias, impiedades, escândalos, ingratidões, terrores, guerras fratricidas. Descrições altiloquentes de dramas, dores, sucessos, superações, vicissitudes, conflitos, violências que nos comovem, nos ferem a suscetibilidade, estampadas na leitura diária de jornais, na sintonia de rádios, canais televisivos, celulares, quando não os vivemos na própria pele, nas ruas, ao nosso derredor, transformadas hoje em campos de batalhas.

Realidades de torturas, angústias, suplícios, frustrações, velharias, abusos de toda sorte que suplantam qualquer ficção, porventura abordada(s) em filmes, romances, telenovelas, peças de teatro. Séculos, milênios de contradições, fanatismos, egoísmos, cobiças que se mesclam, gloriosamente, exemplos de renúncia, humildade, ternura, despojamento, benemerência, benevolência, tolerância, virtudes humanas e cristãs.

Qual a origem de tantos dramas cruciantes?! Quais as causas ou circunstâncias geradoras de tão funestos acontecimentos?! E por que tanto nos afetam, nós protagonistas diários da dor humana?! Por que, perguntamo-nos, personagens atribuladas, existências coletivas vivendo tamanhas experiências expiativas, quiçá remissivas?!

São advertências – e, sem dúvida, das mais severas – encontradas em todos os compêndios religiosos, em todas as eras, cujas lições olvidamos sistematicamente. O desinteresse das coisas espirituais, a existência epicurística, materialista, corrupta, imprudente de muitos e de multidões. Quem semeia ventos, colhe tempestades, eis o velho ditado. Ou como diz o Evangelho: “Não se colhem figos de espinhos, nem se colhem cachos de uvas dos abrolhos” (Lc 6;44). O ser humano é pródigo em confundir devoção, sentimento religioso, fervor político ou mesmo desportivo com paixões primárias de cobiça, vingança, intolerância, fanatismo, ambição, o que nos intoxica, nos compromete pessoal e socialmente, exigindo

processos de reeducação e resgate ante as leis vigentes.

São chamadas universais para a devoção religiosa, a fraternidade, o compromisso de ampliação de nosso conhecimento espiritual pela fé, pelo trabalho honrado, pelo estudo, pelo amor. O que presenciemos, contudo, são erros que se sucedem milenarmente, a delinquência aflorada, em especial, a emanada do poder – seja ele político, administrativo, religioso, econômico, bélico – e que persiste lugubrememente. Desde a era paleolítica, passando pelas hordas ferozes de Tamerlão, Átila, GengisKhan, Anibal, Alexandre Magno, Júlio César, Napoleão, Hitler, Stalin, MaoTseTung, Hafez Assad, Fidel Castro, ao lado de inquisidores, escravagistas, contrabandistas, terroristas, enfim, os enlouquecidos, os embasbacados por glórias do mundo, à base de troféus, galões, comendas, baionetas, diplomas, continua o império do terror e da usurpação. Não o vemos no Estado moderno, cujos senhores, os de “longas vestes” que se delegam a “direitos legais” os mais mesquinhos, os mais desrespeitosos para com a sociedade, e por eles mesmos constituídos?!

Eis-nos, pois, protagonistas ou expectantes da lubricidade instintiva, da morbidez, crueldade, ferocidade, desesperança, avareza, psicopatias, que, por mercê Divina, convivem com obreiros e apóstolos da generosidade, da simplicidade, da doação ilimitadas. O desenvolvimento da paciência, resignação, coragem, estoicismo são instrumentos de crescimento e aprimoramento, pois são fortalezas ante os dissabores, paixões, tormentos e surpresas advindos de uma humanidade ainda atrabiliária, rebelde e de princípios turbulentos.

A solução é simples, o seguirmos realmente os evangelhos, o buscarmos, o alcançarmos, o nos regenerarmos, mediante o aperfeiçoamento moral e espiritual, por uma nova ordem social, política, fraterna, ditosa, penitente, em consonância às normas Divinas, sem ódios, invejas, mesquinhas, ambições perturbadoras, portanto sem guerras e sem senhores perversos e pervertidos, ainda presentes e persistentes na ordem terrestre.

A PRAÇA DE GADO



Meados de outono. O vento frígido, seco varre as beiradas do Rio Sujo. Esparsas nuvens avermelhadas acumulando-se no lado poente, em meio aos bandos de aves, saídos dos ninhais, à busca de alimentos, que pareciam escassear.. Os patos mergulhões que faziam, por ali, suas temporadas de arribação, achavam-se já em debandada. Ipueiras, lezírias, lagoeiros, deixados pelas chuvas e últimas cheias, espalhavam-se ao longo do rio, uma mistura de água barrenta, grudenta, a refletir-se, ante lumeeiras do sol, ferindo a retina dos olhos dos passantes.

Das amuradas da apicoada fazenda, Capitão João Pereira observa, cisma, assunta. Pigarreia. – Ainda bem que está às vésperas da minha praça, pois que a estação da seca já está dando sinal de chegada e das fortes...Mais uma quinzena ou a estirar uma trintena, estará tudo numa segura de dar nó...Na fazenda, era uma só tensão – os preparativos para a tão falada praça, oportunidade em que seriam colocadas em leilão, mais de mil reses, raças crioulas, de propriedade do Capitão. Peões sobrecarregados, curando, marcando, separando lotes. Carapinas arregimentados na cidade, reparando currais e barracões, levantando piquetes e cercados. Trabalhadores limpando os regos que traziam água farta para a sede. Mulheres pelas cozinhas e pátios cuidando do repasto para os trabalhadores do eito e principalmente para os convidados, pois que o Capitão, senhor de intensas e imensas amizades, espalhara convites para as vinte bandas, dezenas de distantes léguas. Aguardavam-se, a grosso, umas 600, 700 pessoas, fora os penetras, os abelhudos de sempre.

Carros de bois chegavam das roças, recavêns empinados, furos tensos, pejados de milho, abóboras, feijão, favas – colheita chegando ao fim; engenhos moendo, tachos fumegantes cheirando a melado; açúcar secando nos jiraus e tupês, entremeio a enxames de abelhas; moinhos, com suas cítolas barulhentas, matraqueadoras, no esforço de produzir fubá, canjiquinha, porcada grunhindo, bocarra aberta pelos extensos mangueirões e cevados, afora os tantos humanos a serem saciados...

Panelões de torresmos, gamelas recheadas com linguças, fressuras, chouriços, carnes suína e bovina de toda sorte. Tachos, sob fogo incandescente, no afã de cozinhar e fritar carnes. Sacarias e jacás de cebolas, batatas, inhames, provindos em sua quase totalidade das eiras e leiras da própria fazenda, ali sendo abertos para descasque e cozedura. Toneis de pinga “Mato Dentro” e ainda as produzidas nos engenhos da fazenda e de sítios circunvizinhos. Moças das redondezas com trelhos nas mãos batendo nata, no preparo da manteiga. Pitanças de toda sorte sendo preparadas: canjicadas, doces de sambongo, de toranja, de leite, de abóbora, de figo...Fatura de encher olhos, ofuscar

narinas e bocas!

Chega o dia tão aguardado. Desde a véspera, tinham apeado vários convivas, hospedados alguns na fazenda, outros no arraial. Assim ocorria com todos os recém chegados, distribuídos pela imensa sede, por casas na própria fazenda e vizinhanças, ou em acomodações urbanas. Recebidos hospitaleiramente, alimentados, assistidos pelo proprietário, familiares e trabalhadores. Inexistindo luz elétrica, então, na fazenda, foram providenciados lampiões, lamparinas às dúzias, bem como fogueiras ao ar livre, a arderem e iluminarem, noite inteira. Além das fogueiras, o Capitão ordenara a instalação de tocheiros e candeeiros, à base de betume ou azeite de mamona, distribuídos interna e externamente, ao longo dos caminhos, de forma a bem iluminar todo o ambiente – prá afastar desrespeitadores e engraçadinhos e também afanadores do alheio, explicara o fazendeiro. Designara, ademais, um grupo de homens – gente taluda, desabusada – para servirem de vigilantes ao longo da noite e durante todo o período da praça.

E chega, enfim, o dia da memorável praça.

Iniciam-se, apresentam-se os primeiros lotes.⁽¹⁾ O leiloeiro, de martelo em punho, olhos piscantes, voz estridente, ares de quem tomara, quem sabe, um bom pileque, ia entoando loas aos lotes de reses apresentados. Amontoados os compradores, que lançavam lances, como que num barulhento jogo de truco. Nos intervalos entre um lote e outro, discutia-se sobre o gado, a seca próxima, política. Faziam-se negócios e transações paralelas, mangavam, embarrilavam uns aos outros, trocavam chalaças com manhas de amizade e arremedos de civilidade. Promoviam-se amizades, reencontravam-se coronéis e aristocratas do campo, naquele largo mundo de latifundiários...

O gado arrematado era logo numerado, separado em currais – às dezenas por ali – à disposição do arrematante, ao final, tão logo processado o acerto com o proprietário ou seus encarregados. Tamanho o volume de reses, os cercados abarrotados, que o estreme quase saltava pelas amuradas, tresandando o ambiente. atraindo exércitos de moscas perdulárias.

Pelo final da manhã, naquele primeiro dia de praça, eis que surge estranho boiadeiro – sela de três cores acolchoada, cavalo alazão, bota longa, chapéu de largas abas e cuja chegada atrai a atenção geral. Por companhia, cinco ou seis peões atarracados, de tez acanelada ou quem sabe azinabrados pelo sol, como o patrão, acompanhados por umas quatro bestas de carga, arriadas ao peso de canastras e tralhas... Vozeirão de tenor, o visitante Informa-se e apresenta-se ao proprietário, afirmando ser o Coronel Portela, assim vamos chama-lo, mercador de gado, dos termos de Ribeirão Vermelho e estando, para tal, já há semanas em via-

gem, a negócios, em ouvindo falar da Praça, tomara a liberdade de até aqui estender suas andanças. E que muito prezaria ser aceito como participante. Solicita permissão para se arrancar, instalando, de pronto, seus ajudantes uma larga tenda, com razoável conforto, a que se misturavam redes de dormir, capas, arreatas, colchonilhos, baús, insinuando o nível de riqueza e comodidade do visitante.

Ainda que ressabiado, dividido entre a desconfiança e a tradicional hospitalidade mineira, o Capitão acolhe o estranho e seu singular séquito. Para perplexidade dos presentes e incômodos para o anfitrião, o estranho passa a emitir os lances mais altos, geralmente sobre as reses de melhor qualidade, dando a entender que conhecia muito bem de gado e decerto com bom lastro para custear as aquisições. O que era receio, passou a temor fundado, pois o estranho passara a senhorear-se da praça, arrematando dezenas e dezenas de cabeças, geralmente as de ponta, cabeças. Não faltaram açuladores, informando à socapa ou abertamente ao Capitão, de que o estranho era caloteiro, cangaceiro, de que ele e seu séquito estavam fartamente armados...Chegou-se a falar que eram desertores da Coluna Prestes e que, de revoltosos passaram a desordeiros e renegados, aprontando das suas, pelo interior do País afora, chegando até nós. Até membros do bando de Lampião, que teriam avançado sobre o território mineiro, algum sabujo mencionou. Poderiam ser também sequazes de algum coronel do Norte mineiro, quem sabe do famoso Cel. Rotílio Manduca, ou do bando de Antonio Dó, que segundo dizia-se, acossados pela Polícia, estariam descendo as barrancas do São Francisco. Alguns mais beatos lançavam esconjuros, perjuros. Um misto de pavorosa principiou a correr pelo recinto. O Capitão requisitou mais seguranças, “capangas” na linguagem de então, passando a vigiar mais de perto, na surdina, os passos dos estranhos.

Lá pelo terceiro dia, praça à toda, ao anoitecer, o forasteiro foi ter à presença do Capitão, informando-o de que sua participação no evento estava encerrada e que desejava partir com sua comitiva. - À meia noite, esclareceu solene. Para tanto, rogava lhe fossem entregues as reses arrematadas, em torno de umas dez dúzias, no horário previsto para a saída, ou seja meia noite. O Capitão, já desconfiado, ensimesmado, passa à retranca. Pressupõe ser uma cilada. Diálogo tenso, intenso – Em hipótese alguma, Cel. Portela, . entregar-lhe-ei o gado nesse horário...Não é costume da região a liberação de gado em horário tão extravagante. Portanto, somente ao amanhecer ...

Coronel Portela, olhos empapuçados, rugas que lhe riscavam os cantos da boca e ao longo da larga testa, a face avermelhada à luz dos tocheiros acesos, obtempera, com plena firmeza. – Capitão, quero o gado à meia noite! Se não é costume aqui, todavia, é hábito meu e de minha turma aboiar pela madrugada...

- Entregarei as reses somente pela manhã, sol nascido. Questão de honra...reafirma o capitão João Pereira

- Capitão, pela última vez, quero o gado entregue à meia noite!

Percebia-se a apreensão, a tensão a encordoar-lhes as veias do pescoço, as sobranceiras alteadas, bocas contraídas, semblantes alterados – momento memorável, imemorial dois homens poderosos, potentados, ciosos, orgulhosos que se mediam do alto da cabeça aos pés, olhos acesos, sob as vistas de dezenas de testemunhas – um, o Capitão João Pereira, o senhor todo poderoso e portentoso da região, inquestionável em seu terreiro; o outro, um desconhecido altivo, desassombrado, intrépido- ali se digladiando, medindo forças, desmanchando tramas e qualquer momentânea, impensada atitude poderia transformar-se numa discussão acirrada, numa quizília de gravíssimas consequências. Percebia-se a extrema luta interna e cautela na medição das palavras, nos laivos e ressaibos de civilidade. Mais pessoas se juntam.

Um duelo de titãs, a que se percebia, a cada palavra modulada, nos sobrecechos tensos, na ainda contida polidez, um perpassar de espadas afiadas, retinir de armas vasadas e ensarilhadas,



prontas para uma frontal e imprevisível ataque.

O Capitão, pálpebras alongadas, levemente reclinadas, silêncio alongado – embora os olhos explosivos e em brasa viva – redarguiu:

- Coronel Portela, também, pela última vez, reafirmo-lhe, alto e bom som, ante as testemunhas que nos assediam e os companheiros de oito que nos assessoram, que só farei a entrega do gado ao amanhecer!

- Negócio então desfeito, já que o Capitão se nega a me entregar o gado nas condições por mim requeridas

O estranho fez, a seguir, codificado sinal, sem que os demais presentes o entendessem. Um de seus auxiliares, dali saiu discretamente, retornando daí a minutos com uma pesada buroca, de argolões prateados, depondo-a nas mãos do patrão. Pálpebras agora abertas, um ligeiro sorriso, o forasteiro abriu ritualmente a mala, donde, para espanto dos presentes e do Capitão boquiaberto, retirou calhamaços e calhamaços de dinheiro vivo.

- Ilustre Capitão Pereira, foram 120 reses arrematadas e que somados os valores por cabeça ou lote perfazem um total de 2:400£00 réis. Não é fato, sr. Capitão?!

- Sim, Coronel...

O estranho contou, nota a nota, aproximadamente dois contos e meio de réis, pertinentes à operação de arremate do gado, soletrando-lhes em alta voz os valores, exibindo ostensivamente as cédulas para que todos vissem, o que causou pasmo e temor entre os presentes. Recolheu a seguir as cédulas, homiziando-as novamente no baú, fechando-o solenemente, com requintado ritual.

Cavalos ali arreados, o forasteiro e companheiros montam as indóceis alimárias, ganhando a estrada, deixando para trás rebanho arrematado e o Capitão desarvorado...

Nota – Entendemos ser este um texto/tema a ser melhor explorado, em termos literários, estilísticos. Aqui fazemos o registro de um fato verídico, que nos foi relatado pelo sr. João de Sousa Resende (Joãozinho Custódio), de imperecível memória, neto do Cap. João Pereira. Fato, segundo o narrador, ocorrido por volta de 1927. Disse-nos sr. Joãozinho: Vovô era homem calejado pela vida, excelente negociador, conhecedor a fundo da psicologia humana, mas nessa ele se equivocou”

(1) Naqueles tempos, existia uma poderosa corrente e sólida convenção familiar-social, onde, cada parente, cada amigo, compadre, adquiria, de antemão, no mínimo uma rês do dono da praça. Tal tradição, ainda com frágeis resíduos até os dias atuais, garantia o sucesso da “praça”. Mesmo que o amigo ou parente não comparecesse, por motivos de qualquer ordem, era-lhe reservado naturalmente, uma ou mais reses, que seriam entregues daí a dias e devidamente quitadas.

ALGUNS ENSINAMENTOS DE BUDA

1. A CASA EM CHAMAS

Havia, certa vez, um homem rico, cuja casa se incendiou. Regressando de uma viagem, ele observou que seus filhos, tão absortos com os brinquedos, não notaram o incêndio, permanecendo inocentemente dentro da casa. O pai gritou: "Fujam, meus filhos, saiam rapidamente da casa!" Mas as crianças não o atenderam.

O pai aflito, gritou novamente: - "Meus filhos, eu lhes trouxe brinquedos maravilhosos, saiam de casa e venham buscá-los" Os filhos, dessa vez, atenderam os apelos paternos, saindo da casa incendiada.

Lição: *Este mundo é como uma casa em chamas; os homens, contudo, não percebendo que a casa está ardendo, correm o perigo de morrer queimados. Daí, o Senhor, em sua misericórdia, utilizar outras estratégias para salvá-los.*

2. Era uma vez o filho único de um homem muito rico que abandonou o lar e caiu na mais extrema pobreza. O pai, desesperado, saiu à procura do filho, fazendo todo o possível para encontrá-lo, mas tudo em vão. Com o correr dos anos, o filho, agora reduzido a extrema miséria, desmemoriado, vagava pelas cercanias dos domínios de seu pai.

O pai, reconhecendo prontamente o filho naquele homem er-

rante, mandou que seus criados fossem buscá-lo, mas, este, intimidado pela majestosa aparência da mansão e temendo ser por eles enganado, recusou-se a acompanhá-los. Novamente, o pai determinou aos criados que fossem junto ao filho e lhe propusessem serviço com um bom salário. Dessa vez, o filho aceitou a oferta e regressou junto aos criados à casa paterna, tornando-se um deles.

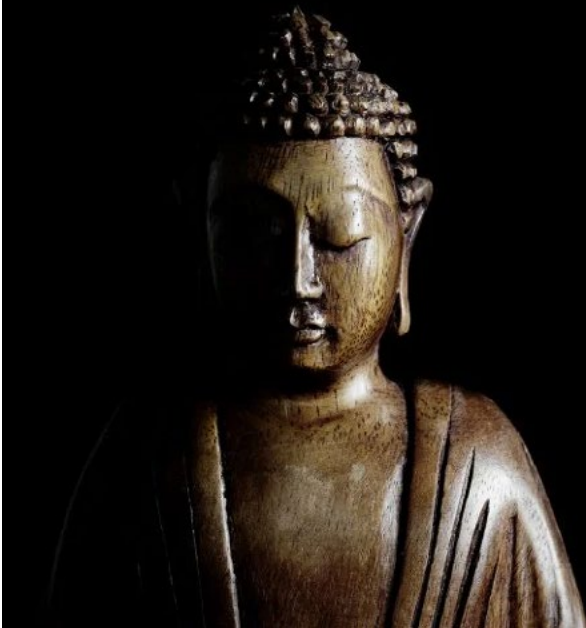
O pai o foi promovendo gradualmente até fazê-lo administrador de todas suas propriedades e tesouros. Mesmo assim, o filho não reconhecia o seu próprio pai. Feliz com a lealdade do filho e pressentindo a chegada da morte, o pai reuniu todos os familiares e amigos e lhes disse: - "Meus amigos, este é o meu único filho, o filho que procurei por muitos anos. De agora em diante, todas as minhas propriedades e tesouros a ele pertencem" Surpreso e emocionado com a confissão do pai, o filho disse: - "Não somente encontrei meu pai como também todas essas propriedades e tesouros que passam a ser meus".

Explicação, segundo Buda – O homem rico, nesta parábola, representa o Senhor e o filho errante retrata a humanidade. A misericórdia divina envolve a todos com o mesmo amor que um pai dedica ao filho único. Com este amor, Ele concebe os mais sábios métodos para guiar, ensinar e enriquecer a todos com seus tesouros e propriedades.

Assim como a chuva cai igualmente sobre toda a vegetação, a compaixão de Buda se estende equitativamente sobre todos os homens; mas como as diferentes plantas recebem da mesma chuva benefícios particulares inerentes a cada espécie, assim os homens, dadas as diferentes naturezas e circunstâncias, são favorecidos por diferentes meios e processos.

Os pais amam a todos os filhos de maneira igual, mas seu amor se redobra com especial carinho para com um filho doente. A compaixão de Buda se volta igualmente para todos os homens, mas ela se dirige com especial ternura àqueles que, por causa de sua ignorância, suportam os mais pesados fardos de erros e sofrimentos, pois em sua teimosia e apego, os homens, por muitas vezes, agem com excessiva paixão

O sol surge no oriente e dissipa as trevas do mundo, sem detrimento ou favoritismo para com determinada região. Assim a misericórdia de Buda a todos abarca, encorajando-os a seguir o caminho do bem e a evitar os labirintos do mal; destarte, Ele elimina as trevas da ignorância e conduz o povo à iluminação. O Senhor estende sua compaixão a todos os seus filhos, conquanto, sem a Sua misericórdia, os homens se perdem!



PASTEUR E A NOVA CIÊNCIA

Um jovem universitário entra num trem e senta-se ao lado de um idoso, este de aparência simples e modestamente trajado. O recém chegado notou que o homem manuseava as contas de um rosário e seu rosto e lábios contritos espelhavam a mais intensa devoção.

Zombeteiro, petulante, o jovem indagou: - O senhor ainda acredita nessas velharias, em beatices e rezas?

- Sim, E tu, não?!

- Se o senhor quiser o meu conselho, atire esse rosário pela janela do trem e aprenda o que diz a nova ciência. Afinal, religião é coisa do passado...

O velho retrucou, vivamente interessado:

- Ah, a nova ciência?! Não consigo entender

essa nova ciência. Quem sabe tu, meu jovem, podes me ajudar...

Cheio de si, o moço disse:

- Dê-me seu endereço e eu lhe mandarei alguns livros que o ajudarão a conhecer a nova ciência e que, decerto, o libertarão dessas crenças e superstições religiosas...

O homem tirou do bolso do velho casaco o seu cartão de visitas e entregou-o ao rapaz, que, completamente desconcertado, leu:

- Louis Pasteur, Institut de Recherches Scientifiques, Paris.

O jovem simplesmente baixou a cabeça, envergonhado, desculpou-se e não disse mais palavra.

